

Professores buscam novas metodologias para o ensino da

# MATEMÁTICA



## Como não deixar o estágio prejudicar os estudos

Giuliano Bortoluci\*

Ao iniciar um curso de graduação ou especialização técnica, os alunos buscam o aprofundamento na área escolhida para juntar o conhecimento teórico oferecido pela instituição à prática do mercado de trabalho.

Vale lembrar que são poucas as instituições de ensino que agregam ao curso experiência prática. E, por isso, os alunos buscam no estágio um intercâmbio entre o que é aprendido na universidade e o vivenciado no dia-a-dia da empresa. Mas, por outro lado, há estudantes que são motivados à procura do estágio por ser um requisito obrigatório para a conclusão do curso.

O problema é que algumas pessoas levam o estágio muito a sério e acabam se esquecendo dos estudos. Deixam de ir às aulas, de realizar trabalhos ou não os fazem com a dedicação necessária. Quando isso ocorre, é importante colocar na balança o que é mais importante para o futuro. Afinal, é o curso que dá toda base e estrutura para as atividades realizadas na empresa e é ele quem garantirá seu futuro profissional.

Não estou dizendo que o estagiário não deve dedicar-se ao trabalho ou deve dar menos atenção a este, mas sim que deve haver um equilíbrio entre as duas atividades para que nenhuma delas fique a desejar. Por esse motivo, sugiro algumas formas para auxiliar, de modo a que o estágio não venha a prejudicar os estudos.

– **Organize-se:** É importante adotar um método de organização que o auxilie com datas de entregas de trabalho, provas e que também contenha as atividades importantes a serem realizadas na empresa. Não leve trabalho para casa. Esse tempo deve ser dedicado apenas aos estudos e às suas atividades pessoais;

– **Tenha responsabilidade:** Além de conciliar as atividades pessoais com escola e trabalho, é de grande importância conseguir espaço na agenda para aprofundar os conhecimentos adquiridos nos cursos e realizar as tarefas solicitadas; e

– **Priorize seus estudos:** O estágio é consequência dos seus estudos. Não deixe de estudar e manter suas notas boas, pois há empresas que pedem o quadro de notas no processo seletivo.

\* **Giuliano Bortoluci** é Diretor de Comunicação do Site Estagiários.com.



## Educação, Ambiente e Verdade

Luciana Dorta\*

Segundo o minidicionário da Língua Portuguesa da Melhoramentos, Educação significa: 1. Desenvolvimento das faculdades físicas, morais e intelectuais do ser humano. Já o verbo Educar: 2. Formar a inteligência e o espírito de. 3. Cultivar a inteligência. No mesmo dicionário, Ambiente: 1. Aquilo que cerca os seres vivos ou as coisas. 2. Lugar, espaço, recinto.

Juntando esses dois conceitos fica muito fácil pensar em Educação Ambiental: ensinar as pessoas a pensarem de maneira holística e integrada com seu corpo, intelecto e valores. Mas esses conceitos precisam da prática, e esta é desenvolvida com pessoas. Pessoas que estão sempre em movimento, em questionamentos, em crises, que possuem crenças, valores e culturas que motivam suas ações.

Aliado a isso, temos influências externas e muitas delas nem tão preocupadas assim com princípios educacionais. E este é o grande desafio das pessoas que se propõem a fazer esse papel de educar, seja como professor, facilitador, orientador ou simplesmente aquele que pretende ser um exemplo. Mas é claro que existe um caminho. Na realidade vários, e um dos que visualizo com mais clareza é a verdade. O olhar real e holístico sobre o desafio, sobre a atividade, o público, sua cultura, seus princípios. Como lidar com cada um desses quesitos? De maneira participativa, ou seja, todos pensam na questão, facilitadores e educandos.

Segundo o psicólogo social Oscar Motomura, colocar o problema na mesa, encará-lo com seriedade, sinceridade e verdade. Sem disfarces, preconceitos ou com “panos quentes” para proteger esta ou aquela metodologia, política ou ideologia ainda é a melhor prática. Porque às vezes uma ideologia não encaixa em determinada realidade e isso não quer dizer que ela não seja boa ou que não tenha valores éticos. A ideia da educação ambiental se estende a esta prática; só assim, de maneira flexível e verdadeira, poderemos alcançar mentes e corações, valores e princípios, teoria e prática. E isso em qualquer idade, em qualquer lugar, em qualquer situação e sob qualquer viés. Educação para a cidadania, educação para o consumo consciente, educação formal, enfim, educação para a vida, cultivando a inteligência ambiental.

\* **Luciana Dorta** é Educadora Ambiental e Diretora da SOMA – Agência de Comunicação Sustentável e Relações Públicas.

Foto: Carlos Franco Lamas



## Dificuldades de Aprendizagem

Laura Niquini de Faria\*

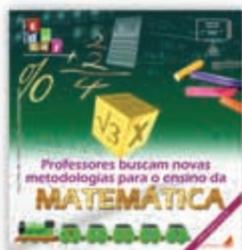
Nos últimos anos, a relevância da identificação precoce dos Transtornos de Aprendizagem tem se tornado maior, principalmente pelos professores, fonoaudiólogos, família, psicólogos e pedagogos. A incessante busca por novas avaliações e metodologias de reabilitação constitui um grande avanço no diagnóstico precoce e no manejo de indivíduos com risco de apresentar alterações de leitura e escrita.

Quando uma criança é identificada em situação de risco para transtornos de aprendizagem, na idade de 5 a 6 anos, o prognóstico é mais favorável e o processo de reabilitação, mais rápido. Isso se relaciona com o fato de estas crianças terem adquirido muito menos conteúdo acadêmico, conseqüentemente fazendo menos compensação do que aquelas com diagnóstico tardio.

Preencher lacunas na habilidade leitora de uma criança com um atraso no desenvolvimento de um ano, na idade de 6 e 7 anos, é muito mais simples do que transpor estas mesmas barreiras em uma criança de 12 anos. Nesta última, compensar este tempo perdido no processo de leitura é algo demorado, sem mencionar a dificuldade para enfrentar as demandas curriculares das escolas.

Outro grande motivador para o diagnóstico precoce reside no fato de que, quanto mais a criança é exposta a eventos frustrantes e traumáticos relacionados à vida acadêmica, mais os sentimentos de fracasso afetam adversamente sua motivação e receptividade. Assim, muitos professores e profissionais reconhecem que o trabalho com as crianças menores se desenvolve com mais facilidade, pois elas ainda não experimentaram esses sentimentos. E por último temos a questão financeira, uma vez que, identificadas precocemente estas alterações, o tratamento de reabilitação seguramente é mais barato, pois há uma menor necessidade de sessões do que em casos de diagnóstico tardio.

\* **Laura Niquini de Faria** (CRFa. 6143) é Fonoaudióloga do Hospital de Olhos Dr. Ricardo Guimarães e da Clínica Qualitá. Mestranda em Neurociências pela UFMG e consultora da Delfos Comunicação, da Coopen e do Ceop.



**Conselho Editorial**  
Ednaldo Carvalho  
Julio Cesar da Costa

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685JP)

**Coordenação Pedagógica**  
Rebeca Carvalho

**Colaboração**  
Cláudia Sanches, Sandra Martins,  
Tony Carvalho e Wellison Magalhães

**Fotografia**  
Marcelo Ávila, Tony Carvalho

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade**  
Bimestral

**Tiragem**  
70 mil (setenta mil)

**Impressão**  
Gráfica Ediuoro

**Produção**  
Jatobá do Rio Assessoria de Comunicação Ltda.

**Distribuição**  
Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação do Jornal Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/222  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** jornaleducar@appai.org.br  
redacao@appai.org.br

**Endereço Eletrônico:**  
[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)  
Tel.: (21) 3983-3200

# Museu Casa de Benjamin Constant

Construída por volta de 1860 para ser residência de Antônio Moreira da Costa Santos, primeiro morador do imóvel, a casa onde residiram Benjamin Constant Botelho de Magalhães – o “Fundador da República” – e sua família, a partir de 1889, sofreu algumas reformas e obras de restauração ao longo de sua existência.

Em 1891, logo após o falecimento de Benjamin Constant, o imóvel da Rua Monte Alegre, em Santa Teresa, foi adquirido pelo patrimônio público e, em atendimento à primeira Constituição Republicana Brasileira, deixado em usufruto à viúva, sendo colocada no local uma lápide em homenagem à “memória do grande patriota”.

Em 2 de abril de 1958, foi tombado pelo Iphan. A partir de 1961, quando foi devolvido à União, o imóvel teve utilização diversa, até que, em 1982, após o levantamento do acervo ali existente, foi criado o Museu Casa de Benjamin Constant, com o propósito de reconstituir o ambiente familiar e o contexto sociocultural em que viveu uma das maiores figuras da história republicana brasileira.

O Museu, além da exposição permanente do seu acervo, desenvolve uma série de atividades culturais, como pesquisas, cursos, exposições temporárias e os concertos ao ar livre, já tradicionais em Santa Teresa.

## Acervo

Na condição de museu histórico, a casa reúne um acervo bastante diversificado. A própria área onde está situado constitui uma forma de ocupação urbana – a chácara – típica do bairro de Santa Teresa e interessante para a compreensão do modo como se vivia no Rio de Janeiro em meados do século XIX. Por outro lado, o interior da casa onde faleceu Benjamin Constant abriga valioso acervo ligado a diversos aspectos das vidas privada e pública do “Fundador da Re-



Na ambientação da casa são utilizados alguns objetos típicos de época, cujo papel é oferecer ao visitante elementos para o conhecimento da vida de Benjamin Constant

pública”: pinturas, fotografias, esculturas, mobiliário, indumentária, medalhas, objetos pessoais, livros e documentos.

Como, após a sua morte, a família de Benjamin Constant permaneceu ocupando o imóvel, os elementos básicos do acervo do museu foram aqueles encontrados na casa quando da sua devolução ao patrimônio público, principalmente o mobiliário. Infelizmente, muitas peças estavam definitivamente prejudicadas pela ação dos cupins, tendo, portanto, sofrido alterações. Outras ainda foram restauradas e algumas, copiadas. A elas acrescentaram-se as doações efetuadas pelos próprios descendentes de Benjamin Constant, que incluíram desde objetos de seu uso pessoal, como a escova de dentes e o pincel de barba, até a sua faixa mortuária e flores que ornamentaram o seu túmulo. Aliás, as doações não cessaram e o museu enriquece o seu acervo permanentemente.

O acervo é, portanto, constituído tanto por peças reunidas quando da sua criação, quanto por outras agregadas posteriormente. Na ambientação da casa, por exemplo, são utilizados alguns objetos típicos de época (utensílios de cozinha, colchas de cama, móveis, etc.) que não pertenceram a Benjamin Constant ou à sua família. Todos, no entanto, cumprem o seu papel principal: oferecer ao visitante elementos para o conhecimento da vida de Benjamin Constant.



Museu Casa de Benjamin Constant  
Rua Monte Alegre, 255 – Santa Teresa – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20240-190

Tel.: (021) 2231-1248

Visitação: De quinta a domingo, das 13 às 17 horas.

Serviços: Cursos, atividades infanto-juvenis, atividades educacionais, biblioteca

A entrada é franca.

# Winnicott



Donald Woods Winnicott nasceu na Inglaterra, na cidade de Plymouth, em 7 de abril de 1896.

Seus pais, John Frederick Winnicott e Elizabeth Martha Woods Winnicott, tinham uma família próspera, embora opressora, já que sua mãe e suas duas irmãs carregavam tendências depressivas. Teve sua adolescência tumultuada, pois sempre reagia à opressão de sua mãe.

Ingressou na faculdade de medicina em Cambridge, mas foi convidado a atuar como cirurgião aprendiz em um navio britânico para cuidar dos feridos da Primeira Guerra Mundial, ocasião em que aproveitou o ambiente para fazer suas observações sobre o comportamento humano em situações traumáticas. Depois da interrupção, Winnicott retorna à faculdade, vindo a graduar-se em medicina no ano de 1920.

Em 1923 trabalhou como médico contratado no Hospital de Londres – Paddington Green Childrens. Neste mesmo ano fez análise com o tradutor para o inglês das obras de Freud, James Strachey. Em 1927, iniciou na Sociedade Britânica de Psicanálise, recebendo o título de analista de adultos em 1934, um ano depois de ter sido analisado por Joan Rivière, uma das principais discípulas de Melanie Klein, por sua vez uma das mais importantes analistas da época, especialista em crianças.

Em 1935, habilitou-se como analista de crianças e por um tempo considerável foi reverenciado, pois até então nenhum outro analista era também um pediatra, o que fazia com que fosse considerado um “fenômeno isolado”. Na Segunda Guerra Mundial, foi para a Inglaterra, onde recebia crianças e adolescentes que vinham de Londres e eram acolhidas em casas e instituições. A partir disso, formulou o conceito da tendência antissocial, tendo como ponto de partida a separação da criança e de adolescentes de suas famílias e do papel e importância da mãe na formação do sujeito.

Após isso, em 1956, torna-se presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise e permanece lá por duas gestões. Foi contratado como médico do Departamento Infantil do Instituto de Psicanálise. Ao longo de 25 anos, atuou como professor do Instituto de Educação na London School of Economics, da Universidade de Londres.

Por conta de problemas cardíacos, faleceu em 28 de janeiro de 1971, com 75 anos de idade, deixando inúmeros escritos, relatos que até hoje são publicados em livros.

Segundo o pediatra, ao nascer o ser humano traz em si um potencial inato para o amadurecimento, o que não quer dizer que

seja algo que realmente vá acontecer sozinho, pois será preciso um ambiente propício para oferecer a esse sujeito os cuidados de que necessita. Neste caso, o ambiente é como a representação da mãe, que o médico chama de “Suficientemente Boa”.

Em 1940, numa reunião na Sociedade Britânica de Psicanálise, Winnicott afirmou que um bebê sozinho não existe, uma vez que apresenta absoluta dependência dos cuidados maternos e do ambiente em seu crescimento, principalmente na primeira infância. Quando se inicia o processo do desenvolvimento emocional, alguns fatores precisam ser considerados, como a hereditariedade e o cuidado materno, que também pode ser chamado de ambiente (aqui neste ponto o cuidado é fundamental, pois pode oferecer apoio, mas também há o risco de traumatizar e/ou falhar).

Segundo Celeri, quando nasce, o bebê traz consigo suas tendências hereditárias, que incluem o que Winnicott denominou “os processos de maturação”, isto é, um impulso biológico para a vida, para o crescimento e para o desenvolvimento. Mas o crescimento físico e emocional depende, para sua efetivação, de uma provisão ambiental, denominada “ambiente de facilitação”, cuja característica é a adaptação às necessidades, sempre cambiantes, que se originam dos processos de maturação.

Inicialmente, a mãe “suficientemente boa” é o ambiente favorável. Essa mãe reconhece a dependência do bebê e se adapta constantemente às suas necessidades, criando um *setting* onde o bebê pode viver uma experiência de onipotência e progredir no seu desenvolvimento no sentido da integração, do crescimento emocional e do acúmulo de vivências.

O ambiente não faz o lactente crescer, nem determina o sentido do crescimento. Quando suficientemente bom, ele possibilita o processo de maturação, isto é, a evolução do ego e seus mecanismos de defesa, o desenvolvimento do *self*, a história do *id*, das pulsões e de suas vicissitudes.

**Observação:** Caro leitor, na próxima edição daremos continuidade à Série Pedagogos sobre a vida e a obra de Winnicott.

## Referências Bibliográficas:

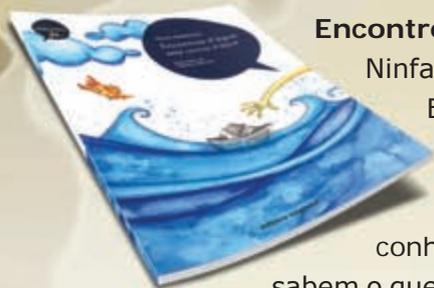
CELERI, Eloisa Helena R. V. “A mãe devotada e seu bebê”. *Revista Viver Mente&Cérebro*, nº 5, Duetto Editorial, 2005.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990.

\_\_\_\_\_. *Pensando sobre crianças*, Porto Alegre: Ed. Artmed, 1997.



**Encontros d'água: sete contos d'água**

Ninfa Parreiras

Editora Scipione – Tel.: (11) 3990-1810

Há lugares com muita água, outros com quase nenhuma. Há pessoas que não conhecem mar, rios ou cachoeiras. Outras mal sabem o que são o gelo ou a chuva. Algumas paisagens são úmidas, outras são extremamente secas... Em suas sete inspiradas histórias, *Encontros d'água* proporciona ao leitor uma viagem lírica, na qual a água, em suas mais variadas formas, é sempre a personagem principal.



**Música na escola**

Hans Günther Bastian

Paulinas Editora – Tel.: (21) 2232-5486

Neste livro, o professor Hans Günther Bastian reúne resultados importantes do seu longo estudo e oferece argumentos convincentes para a exigência de um lugar central da Educação Musical na formação escolar em geral.



**Caminhos para aprender a ler e escrever**

Josette Jolibert e Christine Sraiki

Editora Contexto – Tel.: (11) 3832-5838

A má formação das habilidades necessárias à leitura tem como origem a fragilidade do processo educacional: alguns leem muito devagar, outros não compreendem o que estão lendo; uns não têm paciência para ler, outros não têm concentração. Neste livro, professores, educadores, diretores de escola e pedagogos – além de responsáveis por políticas de educação – encontrarão mais um guia pedagógico, uma proposta didática global e coerente para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.



**O pano de boca**

Sandra Pina

Cortez Editora – Tel.: (11) 3864-0111

O Júnior nunca tinha posto o pé no Teatro Municipal. Foi lá porque ficou interessado no trabalho da mãe e queria entender o que era um pano de boca. Curioso, resolveu explorar o lugar. Corredores, escadas, portas, espelhos, bastidores, camarins... tudo é muito grande e estava vazio. Mas de onde vinham os barulhos esquisitos? As portas batendo? As sombras? As correntes de ar? A imaginação de Júnior corre solta, assim como aquele frio na espinha.



**O passarinho Bico-de-mel**

Paulo Martins

Pajú Editora – Tel.: (21) 2223-0447

*O passarinho Bico-de-mel* narra a história de um canarinho, desde que ganhou a liberdade até formar a sua família. Através de sua história, o autor enaltece os valores importantes a serem ensinados às crianças, tanto na relação entre as pessoas quanto delas com a natureza, e mostra que a bondade e a inocência podem fazer a diferença e trazer a verdadeira felicidade.



**Minhocas para vender**

Carla Dawidman

Imperial Novo Milênio – Tel.: (21) 2580-1168

A autora, com a sua história, propõe compartilharmos as minhocas nas praças, jardins, quiosques, montanhas, florestas e sertões, casas e mentes. Para nos afirmar essa verdade, com tamanha contundência, Carla convidou uma amiga sua, Dinha, para explicar que é direito de todos fecundar minhocas, exercitar o imaginário e, com isso, buscar caminhos e ações, de modo a construirmos um mundo melhor para todos.

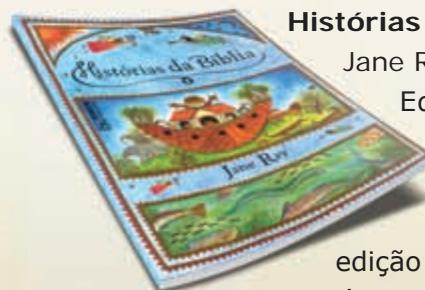


**História e cultura africana e afro-brasileira**

Nei Lopes

Editora Barsa Planeta – Tel.: (11) 3225-1909

No texto preciso e apaixonante de Nei Lopes, escritor com mais de 20 títulos publicados sobre a temática afro-brasileira, *História e cultura africana e afro-brasileira* demonstra, com clareza e objetividade, o quanto o continente africano foi fundamental para a formação do Brasil, tal como hoje o conhecemos e vivemos.



**Histórias da Bíblia**

Jane Ray

Editora Scipione – Tel.: (11) 3990-1810

Com ilustrações sofisticadas, esta edição apresenta três dos mais importantes relatos bíblicos: a história de Adão e Eva e da criação do mundo, a arca de Noé e o dilúvio, o nascimento de Jesus Cristo.

# Espaço de Leitura Griot



Da contação de histórias da literatura africana à leitura de poesias de renomados escritores, há espaço para todos: inclusive para os novos poetas e poetisas que têm seus textos apreciados pelos colegas

## Aposta no conhecimento a partir da contação de histórias

Sandra Martins

“A ‘Salinha Griot’ é um lugar especial onde a gente se sente à vontade. Eu não gostava de leitura; mas aqui aprendi o quanto é divertido ler e conhecer outras culturas e a nossa própria cultura. A sala é diferente, começando pelas bonecas, livros, as fotos nos cartazes. Não é em qualquer lugar que vemos imagens bonitas de negros: isso mexe comigo! Eu fico orgulhosa falando da minha raça, que sofreu muito e que aprendemos a valorizar. Aprendi a me conhecer melhor e minha mãe ficou muito orgulhosa quando fiz uma redação falando sobre a ‘Salinha Griot’”. O depoimento de Anaclecia Pessoa da Silva, 16 anos, 7ª série do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (Iepic), em Niterói, mostra que os objetivos propostos pelo projeto *Espaço de leitura Griot: ouvindo, contando e recontando histórias* foram alcançados.

A ideia central do projeto é incentivar o aluno a produzir conhecimento a partir da oralidade, percebendo a importância da memória para compreender a sua sociedade. De acordo com a coordenadora, professora Perses Canellas, a proposta, além de colocar em prática no âmbito escolar a Lei nº 10.639/03 – com a finalidade de levar o aluno a identificar as nossas heranças africanas e a contribuição do negro em nossa sociedade a partir da prática da contação de histórias desse continente –, visa também possibilitar que a escola disponha

de um espaço em que essa experiência possa ser vivenciada pelos estudantes. “É muito importante que o aluno possa dançar, cantar, que fale poesia, que possa expressar sua negritude”.

Mas, afinal, o que são “Griots”? São os guardiães e transmissores da herança do conhecimento passado de “boca a ouvido”, de geração a geração. Trovadores, contadores de história e animadores públicos, os griots detinham o conhecimento sobre a genealogia e as histórias das famílias nobres. Muitos se tornavam “arquivistas da sociedade africana” e alguns faziam o papel de historiadores. Os griots ganharam importância entre os nobres e os chefes, que se orgulhavam de suas canções, quer por sua irreverência quer pela capacidade que tinham de encorajar as crianças e jovens ao mostrar-lhes a dignidade de seus antepassados.

A metodologia do trabalho envolve leituras de contos, poesias, histórias para desenvolver a oratória e a interação entre os alunos. Em seguida, abordam-se alguns temas, como a música, a culinária, os medicamentos “tradicionais”, os “mitos populares” e as palavras, para mostrar as diferentes influências africanas e sua importância para a compreensão da história e dos costumes na sociedade onde estão inseridos. Os alunos são orientados a resgatar e analisar os relatos de família ou de pessoas da comunidade em que vivem, seja através de entrevista ou da experiência de alguém – inclusive a do próprio aluno. Os estu-

dantes são levados a contextualizar suas reflexões através da escrita, da música, do desenho, sempre dependendo de sua criatividade.

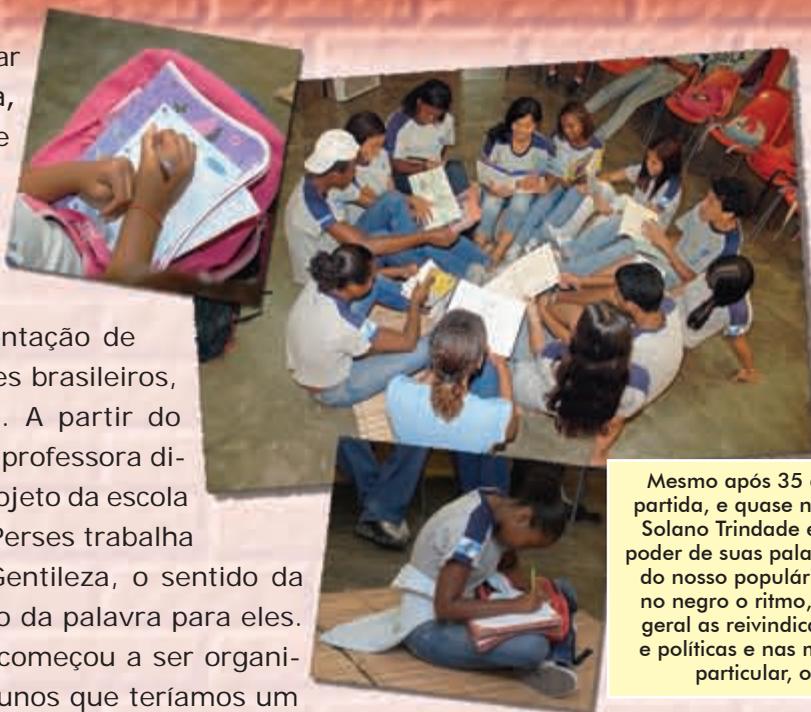
Tratar da temática racial, segundo Perses Canellas, é menos complexo do que se imagina.

Ela embasa seu trabalho na contação de histórias, africanas ou de autores brasileiros, que abordem a questão racial. A partir do projeto pedagógico da escola, a professora direciona as leituras. Este ano o projeto da escola é *Gentileza gera Gentileza*, e a Perses trabalha em cima da força da palavra *Gentileza*, o sentido da palavra para a África e o sentido da palavra para eles.

A "Salinha Griot" é recente, começou a ser organizada em 2008. "Falei com os alunos que teríamos um espaço de leitura griot baseado em contação de histórias, de histórias da vida deles, um espaço de discussões tal como fazíamos na sala de aula. A receptividade foi imediata". A história tem um poder de sensibilização muito grande e o ouvinte penetra neste universo. E é a partir daí que as discussões são iniciadas e se desenvolvem, "sem os embates dos anteriores. Quando se falava de preconceito, do ideal de branqueamento, eles negavam. Tinham uma reação negativa: 'Mas não é bem assim', diziam. Mas esse ano, aqui na sala, já não sinto isso".

Sentados em círculos ou deitados em esteiras, de forma bem despojada, eles se olham e ficam de frente para o outro falar. Ali a palavra é mais forte, facilitada pela contação de história, que mexe no afetivo e em todo um universo simbólico. E, com o exercício de uso da palavra, os alunos passam a contar sua própria história, o que vivem, o que sentem nas suas famílias: "isso é de imediato, eles vão para casa, levam isso e retornam com outras coisas. Eu não tenho mais problemas. Acho que outras escolas poderiam fazer, outros professores poderiam fazer, que é este o viés da contação de histórias, as histórias africanas, as histórias que tratam da questão racial no Brasil".

Para quem pensa que os alunos não-negros se sentem intimidados em conhecer a historicidade da diáspora africana, em saber das contribuições cotidianas dos povos descendentes de africanos na construção e manutenção do país, uma grande surpresa se revela: não há embates, eles interagem. Desde o início, Perses avisa que aquele espaço não é um lugar de divisões e sim de integração. E que todos devem entender o que era ser negro no Brasil, como o preconceito racial se dá: de maneira camuflada. Com uma brincadeira ou uma piadinha de chamar o outro de "macaco" ou de "asfalto", embora afirmem ser o colega seu amigo e que a intenção era brincar, a criança não percebe que está tendo uma prática racista. "Discutimos muito sobre isso, e os amigos não-negros vão entendendo e caminhando junto. Aqui nunca tivemos problemas com isso. Eles vão crescendo juntos e o que percebo depois é que os brancos vão se tornando bem



Mesmo após 35 anos de sua partida, e quase no ostracismo, Solano Trindade encanta pelo poder de suas palavras. O "estilo do nosso populário, buscando no negro o ritmo, no povo em geral as reivindicações sociais e políticas e nas mulheres, em particular, o amor"

negros. Eles vão se apropriando desse discurso trabalhado em sala".

Para aqueles que dizem não poder falar com alunos sobre a questão racial, a professora Perses Canellas diz que não há o que temer: "É muito fácil. Conte histórias. Conte histórias africanas. Conte histórias sobre autores negros". E foi o que ela fez quando tratou dos centenários de Cartola, Machado de Assis e Solano Trindade. "Contei a história de negros que se tornaram poetas, escritores, músicos".

Segundo a professora, eles amaram Solano Trindade. Ela levou um livro do poeta e pediu que ouvissem atentamente. "Eu li a primeira: eles aplaudiram no final.

Eu li a segunda: eles aplaudiram. Quando eu fechei o livro eles disseram: 'professora, a senhora pode ler mais?' e eu fui lendo, fui lendo, li o livro quase todo. Depois eles me pediram o livro. Eu fiz o seguinte: escolhi alguns poemas, e a funcionária da escola digitou para mim. Tirei cópias, distribuí entre os alunos e fizemos leituras conjuntas da poesia de Solano".

Para Perses, trata-se de uma poesia para ser falada, declamada. Não é uma poesia solitária, intimista. "E eu fiz isso com eles. Lemos em conjunto, eu lia uma frase e eles liam outra. E então foram percebendo a força da palavra de Solano. Foi muito bonito este momento", finaliza.

---

Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (Iepic)  
Travessa Manuel Continentinho, 31  
São Domingos – Niterói/RJ  
CEP: 24210-150  
Tel.: (21) 2717-2983  
Coordenadora do projeto: Perses Canellas  
Fotos: Marcelo Ávila



A parceria entre os alunos e a professora permitiu que a Salinha de Leitura Griot pudesse estar na Internet. Os conteúdos produzidos pelos jovens são corrigidos pela educadora e colocados no blogue por um deles

# Matemática Descomplicada

Educadores relatam suas vivências e metodologias visando um melhor aprendizado da disciplina

Antônia Lúcia

A princípio, podemos dizer que a Matemática, oriunda do grego *máthēma* (μάθημα), é a ciência do raciocínio lógico e abstrato. Entretanto, nos últimos anos os cientistas das exatas têm buscado uma definição mais ampla e consensual no que se refere a sua aceção. Porém, para os mais simples mortais, o "X" da questão não chega a ser exatamente o significado da Matemática, mas sim o seu processo de desenvolvimento, que é, no mínimo, desafiador.

Por outro lado, é muito comum ouvirmos relatos de acontecimentos que, em tese, parecem ser engraçados, como, por exemplo, o de alunos que fazem questão de dar respostas rebeldes a uma determinada situação-problema ao invés da réplica correta. Casos como esses são apenas uma amostra de que, às vezes, a escola não está favorecendo o desenvolvimento do pensamento mas, antes, a aprendizagem de mecanismos, que incluem respostas automáticas sem sentido.

Todavia, para desmitificar essa alegoria criada em torno da Matemática, muitos professores têm se apoiado, e até criado, novas metodologias e maneiras de ensinar, a fim de diminuir o caminho percorrido entre a prática e o processo de ensino-aprendizagem dessa milenar ciência.

Nesse percurso, encontramos os professores de Matemática Adreiton Ferreira,

coordenador do Programa Matemática Descomplicada de Taboão da Serra, desenvolvido pelo Planeta Educação; a pedagoga Maria Priscila Bacellar Monteiro, formadora do programa Matemática é D+, realizado pela Fundação Victor Civita e autora dos Referenciais para a Educação Infantil na área de Matemática, em Guarulhos e na capital paulista; a idealizadora do projeto *Ábaco*, professora Kátia Leite Campos, do Ciep Marechal Henrique Teixeira Lott, em Realengo; e o professor Luis Fernandes, especializado em Educação Matemática e organizador do *5º encontro de Matemática na Escola Normal*, no Instituto de Educação Sarah Kubitschek (Iesk), localizado em Campo Grande.

Difundido pela Secretaria de Educação de Taboão da Serra, cidade localizada na região sudoeste da Grande São Paulo, a partir das dificuldades encontradas pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina, o Programa Matemática Descomplicada tem como objetivo, em linhas gerais, estimular nos aprendizes o raciocínio lógico matemático por meio de atividades lúdicas, auxiliando no desenvolvimento de diversas habilidades, como argumen-



As diferenças entre algumas formas geométricas, entre elas o círculo, a esfera e a circunferência, foram destaque na exposição realizada durante o 5º encontro de Matemática na Escola Normal



tação, organização, observação, tomada de decisão, levantamento de hipóteses, reflexão e suposições, estabelecendo relações entre o jogo e os conceitos matemáticos.

Segundo o professor Adreiton – graduado em Matemática pela Universidade Estadual Paulista e Coordenador do Programa Matemática Descomplicada, ou simplesmente (A+), como também é conhecido –, o programa, que já existe em outros municípios, começou a ser desenvolvido no Brasil em 2005, tendo sido implementado em Taboão da Serra em 2008, após os resultados do PAD (Programa de Avaliação Diagnóstica), cuja meta é avaliar o desempenho de todos os alunos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

A partir dos resultados das análises do PDA a Secretaria de Educação de Taboão percebeu a necessidade da implantação do programa. “Atualmente nosso projeto contempla cerca de 4.800 alunos de cinco escolas municipais do Ensino Fundamental I e II (1º ao 9º anos). Entretanto, é destinado também à Educação Infantil, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos)”, explica Adreiton.

Na prática, o programa inicia-se com a presença de um mediador graduado em Matemática, atuando junto com o professor da turma, uma vez por semana. De acordo com a equipe pedagógica, os professores, em parceria com os mediadores, planejam as atividades que deverão desenvolver na sala de aula, levando em consideração as dificuldades dos alunos em Matemática. Esse planejamento é feito no Horário Pedagógico Coletivo, onde o coordenador pedagógico da escola acompanha o trabalho. Segundo o responsável pelo programa, aproximadamente 100 professores estão envolvidos no projeto.

À medida que a metodologia é aplicada nas salas, explica o professor, uma avaliação diagnóstica é realizada com o fim de identificar as dificuldades dos alunos em Matemática e abrir espaço para que, a partir daí, os mediadores entrem em ação desenvolvendo com os docentes as atividades mais adequadas para sanar as dificuldades identificadas na Avaliação Diagnóstica.

Dando continuidade ao processo, semestralmente ou anualmente, aplica-se novamente uma avaliação para acompanhar a evolução das classes. “Em tese, a expectativa é de que os discentes desenvolvam as habilidades e competências pertinentes aos conteúdos matemáticos, utilizando os conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida, para promover o seu crescimento pessoal e profissional a curto, médio e longo prazos”, prevê o professor.

Com essa metodologia, o matemático garante que, além do trabalho lúdico, há também o alargamento dos valores éticos e morais, visto que os mesmos são partes integrantes da vida do cidadão. “Nós instigamos a autoestima, a autoconfiança, a criatividade, o espírito crítico, o trabalho em equipe, a iniciativa pessoal e a autonomia”, descreve Adreiton advertindo que, apesar de todo esse aparato, é de consenso de todos que não existe um caminho que possa ser



Alunos resolvendo situações-problema usando o material concreto com professora regendo a aula e a mediadora auxiliando na atividade



Dominós das diferenças com os Blocos Lógicos e atividades de origami



identificado como único para aprendizagem da Matemática: “portanto, há urgência em reformular objetivos e buscar metodologias compatíveis com a formação que a sociedade pede”, completa.

Mesmo com a abscissa que separa os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, aproximadamente 430 km, os professores Adreiton e Kátia Leite Campos têm algo em comum. Errou quem pensou na profissão, apesar de ambos serem professores. Ficou longe também quem pensou na matéria lecionada: Matemática. Todavia, acertou quem pensou em métodos inovadores de ensino. Assim como Adreiton, Kátia também acredita na busca por novos caminhos para a melhor compreensão do ensino matemático.

Há 19 anos lecionando no Rio de Janeiro, a professora Kátia Leite Campos é daqueles educadores que procuram incessantemente um algo mais para atingir os objetivos pedagógicos. Graças a essa investigação constante em direção ao novo, ela percebeu que o aprendizado da Matemática poderia ficar mais divertido e prazeroso a partir de novas experiências. E, com base nessa constatação, desenvolveu, entre os aprendizes do 3º ano do Ensino Fundamental do Ciep Marechal Henrique Teixeira Lott, localizado em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, o projeto *Ábaco*.

Tudo começou em 2006, quando Kátia ficou responsável por uma turma com 28 crianças com dificuldades de aprendizagem. O que para muitos seria um desafio, para ela foi uma oportunidade. “Naquela ocasião, com o aval da direção, idealizei uma sala diferenciada, como se fosse um grande consultório, sem nada montado. Apenas pintado com papel de parede e quadros com paisagens, fugindo do ambiente tradicional de uma sala de aula”, conta.

De acordo com a professora, no local foram colocados materiais para que as crianças pudessem interagir e, a partir daí, teve início um trabalho envolvendo o indivíduo e o meio, de acordo com a teoria de Vigotsky. “Tínhamos também a preocupação de combater o desperdício, mas,



O manuseio do ábaco ajuda o aluno a perceber melhor o sistema de numeração e suas técnicas operatórias, tornando a ferramenta imprescindível no ensino da contagem e das operações básicas



por outro lado, incentivávamos o aluno a criar em vez de receber tudo pronto. E foi durante um passeio pela escola que detectamos grandes quantidades de caixas de ovos indo para o lixo. Descobrimos, então, que já tínhamos a matéria-prima para confeccionar os nossos ábacos, uma vez que a necessidade maior dos alunos era desenvolver a contagem”, relembra.

De acordo com a professora, na primeira fase do projeto os estudantes trabalham com a aprendizagem do sistema de numeração decimal. Em outras etapas são utilizados conceitos de classe simples e classe de milhar. Na prática, o jogo é composto de cinco rodadas entre dois participantes. A cada partida, o aluno vai montando uma expressão numérica e, automaticamente e de uma maneira bastante lúdica, o aprendiz



Alunos trabalhando com o ábaco

vai desenvolvendo o seu raciocínio lógico. Para que o jogo tenha início, meio e fim, o professor fica responsável por definir as regras do jogo podendo fazer pequenos ajustes, conforme a necessidade da turma.

Aos poucos, garante Kátia, a atividade vai fortalecendo o processo de aprendizagem formal e se convertendo em um trabalho interdisciplinar. “Durante os jogos percebemos a necessidade de registrarmos os resultados, o que impulsionou indiretamente ao desenvolvimento da escrita. Já os grãos de feijão, que as crianças usavam no ábaco para contar, acabaram sendo usados nas aulas de Ciências e transformando-se em plantinhas. Assim, o que era brincadeira foi se transformando numa grande atividade interdisciplinar”, lembra Kátia.

De acordo com os relatos da professora, o projeto *Ábaco* apresentou retornos tão positivos, que atualmente é desenvolvido o ano inteiro e já ganhou novos adeptos, entre eles, os alunos da Escola Municipal professora Leila Mehl Menezes de Matos, em Santa Cruz. “Os resultados estão nos levando a criar outros jogos em níveis mais elevados e exigindo outros conteúdos. É um projeto flexível que varia de acordo com os objetivos pretendidos”, afirma Kátia apostando no crescimento do trabalho que já conta com 12 jogos de materiais recicláveis, como: caixas de ovos, tampas de garrafas *pet* e tantos outros.

Para a diretora geral do Ciep Teixeira Lott, professora Ana Rita Aragão Rocha, a alternativa educacional com reciclagem é uma iniciativa louvável. “Quando a criança aprende as relações matemáticas através do lúdico, são ativados o cognitivo e o raciocínio lógico. Depois há a vertente ambiental, um dos grandes problemas do mundo. Esse projeto da professora Kátia é um modelo para ou-



Em vez de bolinhas, a professora utiliza grãos de feijão para fazer contagem e a aprendizagem do sistema de numeração decimal. Em outras etapas são utilizados conceitos de classe simples e classe de milhar. Na prática, a cada partida, o aluno vai montando uma expressão numérica de maneira bastante lúdica e vai desenvolvendo o seu raciocínio lógico

tros profissionais utilizarem e até para que novos caminhos sejam trilhados”, completa.

Do outro lado da linha, ou melhor, na mesma perpendicular, a autora dos Referenciais para a Educação Infantil na área de Matemática e formadora do Programa Matemática é D+ – realizado pela Fundação Victor Civita –, a pedagoga Maria Priscila Bacellar Monteiro, atesta que a Matemática também é assunto de gente miúda. Isto porque, segundo ela, a Educação Infantil assume entre suas funções a transmissão de conhecimentos que retomem, ampliem e aprofundem as aprendizagens extracurriculares das crianças





Convexos, Côncavos, regulares, não regulares, dual... esses foram alguns tipos de poliedros ou figuras geométricas estudados pelos aprendizes em sala de aula e exibidos durante a culminância do Encontro de Matemática



e, entre esses conhecimentos, há um conjunto de saberes matemáticos – numéricos, espaciais – que abrange as formas e as medidas.

A respeito dos modos de aplicação e tipos de atividades indicadas para que as crianças tenham aproximação com os conteúdos matemáticos, a educadora Priscila afiança que existe uma variedade de situações que podem ser propostas na Educação Infantil, de modo que o segmento se responsabilize por oferecer aos alunos a maior quantidade de experiências envolvendo diferentes usos dos números, das relações espaciais e das situações de medição. “O essencial é que essas situações tenham sentido para a criança e que representem um problema a solucionar, ou seja, que para resolvê-los elas coloquem em

jogo seus conhecimentos matemáticos e interajam com seus colegas e adultos, a fim de construírem novos aprendizados”, destaca.

Indo ao encontro dessa edificação de saberes, Priscila assinala que o professor, por exemplo, pode organizar intencionalmente situações em que os iniciantes se movimentem enfrentando obstáculos, em direção a alguém ou a alguma coisa, além de dispor de objetos para serem encaixados e deslocados. “São experiências que ajudam os alunos a começarem a compreender suas relações com os objetos e o espaço”, avalia Priscila acrescentando que as crianças pequenas precisam da ação dos adultos para que as palavras orais e as escritas numéricas ganhem significados.

“É possível aproveitar algumas situações que fazem parte da rotina escolar propondo certos problemas matemáticos, como, por exemplo, fazer com eles o registro dos dias no calendário, a marcação de datas significativas para o grupo, organizar brincadeiras envolvendo sequência numérica, além de muitas outras situações que podem enriquecer as experiências dos pequenos aprendizes e, simultanea-





Criatividade: uma forte aliada na aquisição do conhecimento matemático



mente, transmiti-las”, exemplifica a formadora, orientando que as grandezas e medidas também fazem parte das questões propostas na Educação Infantil.

Um exemplo apontado por ela foi o jogo de boliche. Segundo Priscila, antes de iniciar a brincadeira é possível propor que as crianças estabeleçam um local comum para que todos joguem a bola, constituindo-se assim uma situação-problema que envolva grandezas e medidas através da distância. Para os professores, os jogos e games são ferramentas multifaces na ajuda e apropriação do conhecimento, já que historicamente a educação infantil configurou-se como o espaço natural do jogo e da brincadeira, o que, segundo os especialistas, favorece a ideia de que a aprendizagem de conteúdos matemáticos se dá, prioritariamente, por meio de jogos. Todavia, os educadores alertam que é importante salientar que o trabalho matemático não deve se res-

tringir às atividades com jogos, visto que existe um grande campo de situações didáticas dentro das quais os professores podem realizar as variações que desejarem.

**“Matematizar é compreender a vida. O que os alunos trazem é importante, mas é bom considerar que há algo mais à frente. Os futuros educadores têm que dominar os conteúdos de que os alunos precisam, se compromissar com a sua causa, acreditar nela e buscar seus caminhos”**

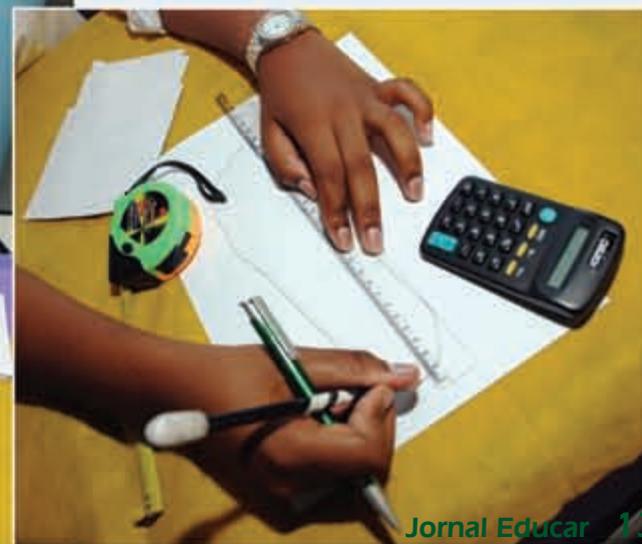
“É inegável que o jogo é uma parte essencial da vida da Educação Infantil e pode se tornar uma estratégia didática interessante quando as situações são planejadas e orientadas pelo professor visando proporcionar à criança algum tipo de conhecimento. Entretanto, a livre manipulação de peças e regras por si só não garante a aprendizagem matemática”, orienta Priscila.

Saindo de um jogo lúdico e partindo para algo mais no corpo a corpo, nos deparamos com um outro assunto que tem sido bastante discutido entre a comunidade escolar: a capacitação dos docentes no que se refere à aplicação dos conteúdos matemáticos. Na Educação Infantil essa preocupação tem vindo acompanhada de um segundo, mas não menos preocupante agravante:

a pouca ou nenhuma habilitação dos professores das séries iniciais para o ensino matemático numa perspectiva



Segundo os especialistas, em uma aula de geometria, por exemplo, podem-se medir as cadeiras, as mesas e até partes do corpo





Registro dos dias no calendário, a marcação de datas significativas para o grupo, organização de brincadeiras envolvendo sequência numérica, além de muitas outras situações, tendem a enriquecer as experiências dos pequenos aprendizes



que parta dos saberes dos alunos para a construção de novos conhecimentos.

É o que nos revela a autora dos Referenciais para a Educação Infantil na área de Matemática Maria Priscila, ao esclarecer que, para muitos professores, ainda é difícil planejar propostas didáticas em que seus alunos coloquem em jogo seus conhecimentos iniciais e avancem a partir deles. Segundo ela, ainda é muito comum o professor se colocar como modelo a ser imitado e/ou resolver os problemas pelas crianças.

Para afugentar esse espectro dentro da comunidade escolar, professores e órgãos ligados à educação têm se unido com o objetivo de debater o assunto e procurar alternativas para essa questão. Durante o *5º encontro de Matemática na Escola Normal*, realizado no Instituto de Educação Sarah Kubitschek (Iesk), em Campo Grande, a pergunta que ficou no pensamento de todos foi a seguinte: Como capacitar os futuros educadores para ensinar a disciplina de maneira eficaz?

A ideia do encontro, segundo o professor Luis Fernandes, especializado em Educação Matemática e idealizador do evento, é formar docentes mais preparados para exercer sua função com qualidade e romper com os mitos de que a matéria é privilégio de alunos mais inteligentes. "Estamos aqui para falar sobre a realidade e as possibilidades para se trabalhar no futuro", justifica o professor, que começou a repensar sua prática de ensino a partir da experiência e da especialização.

**"O ser humano aprende de forma globalizada. A Matemática ficou sozinha, tem que juntar com a Química, com a Literatura. O negócio é procurá-la em tudo, nos versos da poesia e na nossa alimentação"**

Ao falar sobre o assunto, a Coordenadora do curso de pós-graduação em Educação Matemática, e professora de Engenharia da UFRJ, Alzira Ramalho ressalta que Matemática é fundamental porque ensina a pensar. A educadora acredita que não existam fórmulas de metodologias de ensino. Para a especialista, a melhor técnica é a vivência. Isto porque, na sua opinião, a criança aprende a contar mecanicamente de um a dez. Para transmitir a matéria de modo que o aluno entenda o sentido da ciência, é preciso partir da sua realidade.

"Mas é muito importante não estacionar nesse nível, não parar nesse estágio. Matematizar é compreender a vida. O que os alunos trazem é importante, mas é bom considerar que há algo mais à frente. Os futuros educadores têm que dominar os conteúdos de que os alunos precisam, se compromissar com a sua causa, acreditar nela e buscar seus caminhos", diz Alzira.

O professor Luis considera que essa dificuldade também está ligada à introdução da história da disciplina no Brasil. De acordo com a sua explicação, ela surgiu no país vinculada à Física e à Química, e só se tornou uma ciência independente 200 anos após a vinda da Família Real. "Na década de 1960 surgiu a febre da Matemática Moderna, que enfatizava as fórmulas que acabaram por



A fim de quebrar os tabus da disciplina, uma das professoras criou a *Matemática tem sabor*, na qual um grande sanduíche em forma de pentágono é usado para estimular o aprendizado

tem que entender, aprender a gostar e preparar as nossas próprias receitas. Por exemplo, ela ensina que em uma aula de geometria podem-se medir as cadeiras e as mesas, utilizar a balança etc.

“O ser humano aprende de forma globalizada. A Matemática ficou sozinha, tem que juntar com a Química, com a Literatura. O negócio é procurá-la em tudo, nos versos da poesia e na nossa alimentação”, defende a professora, idealizadora do projeto *A Matemática tem sabor*, no qual um grande sanduíche em forma de pentágono, apelidado de pentassanduíche, é utilizado com a intenção de estimular o aprendizado, a fim de quebrar os tabus da disciplina.

Nessa busca por novos ou melhores caminhos, os jogos parecem não ter perdido o seu espaço. Porém a criatividade mostrou-se uma forte aliada na aquisição do conhecimento matemático. Com palitos

de churrasco e pedaços de canudos, os estudantes construíram e expuseram os poliedros de Platão, mistura de quadrados, triângulos e pentágonos, criados pelos gregos para representar o universo. “Naquela época, todos os elementos existentes eram ligados à Matemática. Eles criaram essas estruturas para representar a terra, a água, o fogo e o ar, de modo que se tratava de uma ciência associada à Filosofia e à Religião”, demonstrava entusiasmada a aluna.

“O professor tem que aceitar o desafio e experimentar. Não há receitas prontas e imediatas, e sim reflexões, troca de conhecimentos e parcerias. Diante das transformações planetárias é preciso repensar a responsabilidade social da Matemática”, finaliza a professora Alzira.

---

Programa Matemática Descomplicada A+ (Planeta Educação)  
Coordenador: Prof. Adreiton Ferreira B. de Deus  
Tel.: (11) 4135-2632

Matemática é D+ da Fundação Victor Civita  
Formadora do Programa: Maria Priscila Bacellar Monteiro

Tel.: (11) 3037-2073

Projeto Ábaco  
Professora Kátia Leite Campos  
Tels.: (21) 9282-4553 / 8847-2911

Instituto de Educação Sarah Kubitschek (Iesk)  
Diretora: Dayse Duque Estrada  
Tels.: (21) 2415- 0074 / 2299-7239

contribuir para o excesso de simbologias, o que dificultou ainda mais a sua compreensão”. Ainda de acordo com Luis, durante séculos prevaleceu o mito de que a matéria era um privilégio dos homens ou “iluminados”, e isso fortaleceu ainda mais a ideia de que é uma disciplina difícil.

Na opinião da professora Rita Gemino, a Matemática tem se mostrado como um bicho-papão porque os conhecimentos foram divididos em compartimentos, e desvinculados da realidade. Para ela, o educador

## CAMINHOS DO CORAÇÃO

**Casa da Ciência promove mostra sobre um dos mais importantes órgãos do corpo humano**

**Claudia Sanches**

O salão da Casa da Ciência abrigou as exposições "Caminhos do coração" e "Dengue", abertas ao público e às escolas das redes pública e privada. O roteiro convidava os visitantes a percorrerem os caminhos que o sangue faz até chegar ao coração

Ensinar ciências de um jeito mais lúdico e prático. É o que buscava a professora de Biologia, Mirka Bezerra, quando levou seus alunos do 9º ano da Escola Municipal Capitão de Fragata Didier Barbosa Viana às exposições "Vias do coração" e "Dengue", na Casa da Ciência, em Botafogo. O próximo passo, segundo a professora, é introduzir o conteúdo: "A vantagem da visita é que o aluno assimila melhor a teoria e ainda leva para sua vida prática", afirmou a professora, que observava com a turma a monitora explicando o funcionamento do coração com uma réplica que atraía os olhares dos jovens.

Os estudantes, que não viram o sistema circulatório no ano anterior, estavam resgatando a matéria da melhor forma possível, graças à exposição, que promoveu, para as crianças e adultos, uma viagem pelos caminhos do coração. As mostras faziam parte do *Ciência Móvel – Vida e Saúde para Todos*, da Fiocruz, um museu itinerante que leva, em um caminhão, exposições, jogos, equipamentos interativos, multimídias, oficinas, vídeos científicos, contadores de histórias e palestras, para a região Sudeste do Brasil.

Inaugurada em 1995, a Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ – tem como função a divulgação científica através de linguagens variadas: teatro, exposições, música, oficinas, cursos, palestras, seminários e audiovisual.

A instituição já organizou eventos como a "Ciência para Poetas", "Palco da Ciência" e "Ciência em Foco". O próximo tema será energia nuclear, um projeto em parceria com os maiores especialistas da área. Outra atração é a "Casa pedagógica", que tem a proposta de atender à educação infantil, explicar como se cuida do ambiente para prevenir a dengue e outras doenças através da higiene. Os alunos podem aprender hábitos e atitudes por meio de atividades interativas e montar um mosquito da dengue com sucata com os monitores da casa.

Cientistas por um dia: Alunos da E.M. Capitão de Fragata Didier Barbosa Viana ficaram impressionados ao observar, com detalhes, o mosquito que transmite a dengue, e conversaram entre si sobre a necessidade de cuidar das casas e da escola





A instituição também promove oficinas para educadores referentes ao tema que está sendo explorado na exposição e doa kits, como livros, revistas ou materiais que possam ser utilizados em sala de aula. “Acreditamos que a educação seja o melhor caminho. A ideia é motivar o gosto pelas ciências e multiplicar a informação”, justifica Carmen Rodrigues, do núcleo de pedagogos do centro.

Durante o roteiro da mostra, crianças e adultos puderam se divertir com muitas curiosidades: calcularam quantas vezes seu coração batia desde o seu nascimento e conferiram como se comporta a pressão arterial em várias situações do dia-a-dia. O visitante também

ouviu sons de batimentos cardíacos em diferentes frequências, usou um estetoscópio para ouvir seu próprio coração e assistiu a filmes da Mostra “Ver Ciência”, relacionados ao tema. Para completar, os visitantes curtiram um esquete do grupo Trupe da Saúde, com a peça “Em cantos da prevenção”.

A aluna Tamires, da E. M. Capitão de Fragata Didier Barbosa

Os jovens se interessaram muito pelas atividades interativas, como o aparelho que mede a pressão sanguínea em várias atividades diferentes. A monitora também prendia a atenção dos curiosos dissecando um protótipo de coração, que mostrava as entradas e saídas do sangue



Viana, que media seus batimentos cardíacos, fez suas próprias descobertas se divertindo. Compreendeu o motivo pelo qual a prevenção das doenças começa na juventude, e quer compartilhar as informações com os amigos: “Quero contar para meus colegas do colégio como funciona o nosso corpo, e por que a gente deve cuidar bem dele”, vibrava a jovem.

A Casa da Ciência está aberta ao público de terça a sexta das 9 às 20 horas e sábados, domingos e feriados das 10 às 20 horas. A entrada é franca e educadores de escolas públicas e privadas podem fazer o agendamento para os eventos através do telefone 2542-7494.

Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ  
Rua Lauro Muller, 3 – Botafogo – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21235-710  
Tel.: (21) 2542-7494

Diretoria: Fátima Brito  
[www.casadaciencia.ufrj.br](http://www.casadaciencia.ufrj.br)  
Fotos: Marcelo Ávila

Na casinha pedagógica, uma atração também para as crianças da Educação Infantil, elas aprendem como se deve evitar a proliferação do mosquito da dengue.



Dengue em foco: A “Trupe da saúde” fecha a exposição com a peça “Em cantos de Prevenção”, contando a história da saúde pública no Rio de Janeiro através de marchinhas. A cidade já era infestada por epidemias desde a sua fundação



## Samba, Escola e clima para inglês ver



**Colégio Estadual ganha prêmio e se torna referência na defesa do meio ambiente**

**Wellison Magalhães**

O evento em que participou a Escola Estadual Maria Nazareth Cavalcanti e Silva não era uma reunião da ONU, nem um seminário em Davos, contudo o encontro reuniu ministro, príncipe e embaixadores, professores, alunos e... uma escola de samba.

A reunião inusitada aconteceu no espaço do Jardim Botânico, promovido pela Embaixada Inglesa, em função da visita do Príncipe Charles ao Rio de Janeiro, e marcou o encerramento do projeto *De Olho no Clima*, promovido pela Organização Internacional do Reino Unido para Educação e Relações Culturais, a British Council, com a proposta de aumentar conhecimento e ação sobre o tema “mudança climática no Brasil”.

O projeto promove, por meio da ciência, educação e arte, o encontro e a troca de experiências entre jovens profissionais,

estudantes, universitários e professores, além de ajudá-los a multiplicar o conhecimento, gerando diálogo sobre o impacto das mudanças climáticas e incentivos para ações construtivas, afirma o site oficial da ONG.

**Na opinião do corpo docente, os jovens tiveram papel fundamental na realização do projeto e no seu sucesso.**

Esta história, contudo, nasce no ano de 2008 no bairro de Cascadura com a professora de inglês Valéria Plaisant da Escola Estadual Maria Nazareth Cavalcanti e Silva, e seu projeto Dom João VI de Olho no Clima do Rio de Janeiro. Para estimular seus alunos no aprendizado da língua inglesa em sala de aula, Valéria, que tem em seu currículo outros projetos diferenciados, fomentou nos estudantes uma perspectiva mais ampla de metodologia de aprendizado. “Muitos dos alunos envolvidos neste

projeto do clima se transformaram completamente”, relata entusiasmada. “Alguns que eram tímidos e não participativos hoje



Inglesa a participação dos estudantes, numa apresentação toda especial para o príncipe Charles, e sua esposa, a Duquesa da Cornúlia Camila Parker”, lembra o aluno.

A participação do colégio rendeu um honroso terceiro lugar no concurso, mas pôs os jovens do Nazareth numa posição ainda mais elevada no encontro que recebeu o príncipe inglês. “De todas as escolas e autoridades presentes, fomos nós que permanecemos mais tempo ao lado dele”, afirma orgulhosa Valéria, que destaca ainda o envolvimento constante em seus projetos do ministro do Meio Ambiente Carlos Minc, presente no evento.

Na opinião do corpo docente, os estudantes tiveram papel fundamental na realização do projeto e no seu sucesso, uma vez que coube a cada um deles que vivenciaram as etapas do projeto gerar multiplicadores e divulgar em forma de palestras, encontros e atividades os temas apresentados pelo Conselho Britânico. Para a aluna Laís Estrela, uma das embaixadoras do projeto, a oportunidade tem transformado sua visão até do mundo: “eu não ligava para o tema, mas, depois de ter aprendido mais detalhadamente sobre o assunto, vejo-me mais envolvida, e percebo como é importante lutar pelo clima no mundo. Isso vai repercutir no futuro de todos nós”. O grande desafio de Laís, contudo, é o de gerar novos colaboradores dentro da própria escola: “muitos ainda não se preocupam com isso, porém não desanimamos, pois aos poucos outros colegas vão se envolvendo e se conscientizando cada vez mais”.



É o que se pode notar na nova geração de colaboradoras. As alunas Juliana Martins e Dandara de Souza, ambas de 15 anos, e Aline

Almeida, de 16, todas da turma 1009, não são apenas novatas na instituição, mas também calouras na defesa do meio ambiente. Aliás, apoio é o que não tem faltado a Valéria Plaisant e a seus alunos, já que a nova direção da escola está engajada comple-

tamente no sucesso do projeto. Simone Assafin, a nova diretora, afirma que “o projeto é tão bom que pode andar sozinho, mas não podemos deixar de lado algo que está realmente dando tão certo”.

O Colégio Estadual Maria Nazareth Cavalcanti e Silva continua desenvolvendo o projeto *De Olho no Clima* para este ano, com outras atividades e novos objetivos. Tudo isso visando levar conhecimento e um olhar renovado para um tema tão importante nos dias atuais, procurando transpor os limites da sala de aula.

Para contribuir e informar ainda mais, a professora Valéria desenvolveu um blog que pode ser acessado na internet através do endereço eletrônico [www.nazarethconectado.blogspot.com](http://www.nazarethconectado.blogspot.com). Lá os visitantes encontrarão diversas informações sobre o projeto *De Olho no Clima*, que poderão ser aplicadas por todos que almejam viver em um mundo melhor.

A comunidade escolar botou o bloco na rua em busca da paz com direito a bandeira da escola, alegorias e fantasias carnavalescas



Alunos e professores do Maria Nazareth não imaginavam a repercussão de seus projetos: “nos deu orgulho”, disseram



Colégio Estadual Maria Nazareth Cavalcanti e Silva  
Rua Barbosa, 229 – Casca-  
dura – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21350-020  
Tel.: (21) 2597-8798  
Diretora: Simone Assafin  
Fotos cedidas pela escola

# Jardim do Saber

Obra de Burle Marx é tema do Projeto Preserve a Natureza

Claudia Sanches

Resgatar o talento das crianças e despertar o interesse por um projeto de vida. São esses os principais compromissos do projeto *Preserve a natureza*, realizado com as turmas da Alfabetização ao 5º ano da Escola Municipal Rui Barbosa, localizada em São João de Meriti. Para pensar o meio ambiente, os educadores optaram pelo estudo do paisagista Burle Marx, aproveitando a comemoração do ano de seu centenário. A obra do artista inspirou as crianças a trabalhar os conteúdos e produzir bastante arte. A equipe, que se preocupou em partir da realidade do aluno, aguçou a curiosidade das turmas inicialmente pela pesquisa de sua biografia, pintura e de seus projetos.

A professora do 5º ano Denise Azevedo acredita que o trabalho possibilitou aos alunos desenvolver sua criatividade e descobrir seus potenciais. A ideia foi mostrar aos pequenos as possibilidades que existem e ampliar seus horizontes. "Cada um tem um dom diferente do outro, e é preciso dar oportunidade para eles descobrirem. Como Burle Marx, podemos contribuir para um bairro melhor, uma cidade mais verde e um mundo mais justo. Vamos botar nosso talento para fora", ressaltou a educadora.

Na avaliação da orientadora pedagógica Maria das Graças Silva, conhecer a história desse ilustre brasileiro, que foi pintor, arquiteto, escritor e urbanista, além de idealizador do Aterro do Flamengo, foi um ótimo gancho para falar sobre a preservação da natureza e ecologia. Na sala de aula os professores também aproveitaram as pesquisas para trabalhar outras disciplinas e a produção textual.

"Burle Marx amava a natureza e queremos que nossos alunos amem também. Por isso nós plantamos um pequeno jardim com ajuda dos pais, mas esperamos que um dia ele seja grande e dê muitos frutos, inclusive futuros profissionais comprometidos com um futuro mais humano", afirmou a orientadora. Durante a culminância, as equipes apresentaram os trabalhos baseados nas produções do autor. Os pequenos artistas confeccionaram muito material utilizando sucata, papel, cera, tinta, moldes vazados e maquetes, e participaram de uma oficina de pintura para exposição nas paredes, além de exibirem o jardim que plantaram durante o trimestre. Os grupos também fizeram releitura das pinturas do mestre, que se destacaram pela plasticidade.

Durante atividade interativa, a aluna Maiara pintava uma natureza morta e colava na parede com seus amigos enquanto mostrava



para os pais e professores. Adultos participantes do projeto Escola Aberta também estiveram presentes para contribuir com seu conhecimento. Durante os sábados os responsáveis têm aula de culinária e artesanato, o que possibilita uma fonte de renda alternativa para as mães que não podem trabalhar fora de casa.

A prática em sala de aula revelou aos professores o impacto da sua atuação com o tema no comportamento dos alunos e da comunidade com o meio ambiente. "Eles ficaram interessados em conhecer o Jardim construído por Burle Marx em Pedra de Guaratiba", revelou a diretora do colégio, Ana Cristina Gonçalves, o que possibilita a continuidade do projeto. "Os alunos estão mais conscientes do seu papel na comunidade e com certeza plantamos uma semente em cada um deles, que podem assim sonhar com uma vida melhor para si próprios e contribuir para o engrandecimento do país, como fez o paisagista", concluiu a diretora.

Escola Municipal Rui Barbosa  
Endereço: Rua Cristalina, 34 – Vila Zulmira – Éden  
São João de Meriti/RJ  
CEP: 25545-60  
Tel.: (21) 3753-3323  
Diretora: Ana Cristina Gonçalves  
Fotos: Marcelo Ávila



Troca de experiências – menina participa da oficina de pintura e apresenta aos pais o mestre do paisagismo

# A Paz Anunciada em Verso e Prosa

Durante a encenação os alunos tiveram oportunidade de vivenciar os ensinamentos de Clara e Francisco de Assis, despertando nos demais o desejo de praticar

**Wellison Magalhães**

O Colégio Franciscano Nossa Senhora das Graças abriu seus portões para receber centenas de pais e convidados para um encontro muito especial: uma noite de poesias. Aproveitando o tema anual da Campanha da Fraternidade para o ano de 2009, "Fraternidade e Segurança Pública", cujo lema principal é "A paz é fruto da justiça", cerca de 30 alunos divididos em duas categorias escreveram e declamaram diversos poemas.

O evento, que está na sua 9ª edição, "começou a ser elaborado há alguns meses atrás, exatamente para aproveitar a campanha e também para promover um momento de paz", diz a coordenadora Marleide Gomes. "Nosso alvo foi enfatizar a vida", conclui. E, pelo que se viu, o objetivo foi amplamente atingido, já que as poesias dos alunos do 5º ao 9º anos versaram exclusivamente sobre a paz, um mundo melhor e como é possível viver sem violência.

Antes, porém, das apresentações, uma peça ensaiada pelos alunos do Colégio teve espaço no programa do festival. Baseada na filosofia de vida de São Francisco de Assis e Santa Clara, os estudantes encenaram uma proposta de viver no mundo sem violência, e abrindo mão de tudo para servir ao próximo. Tudo tinha uma finalidade bem específica.

O professor Maurício Lourenço, de Língua Portuguesa, sentia-se orgulhoso com o

evento: "estamos resgatando o prazer pela leitura, pela poesia, pela literatura e pela escrita, e isso já é uma tradição da escola". Para provar que outras matérias também poderiam ser inseridas num festival de poesias, a professora de História Janaína Borges disse estar gratificada com a motivação demonstrada pelos alunos: "o melhor de um encontro como esse é poder perceber que há um sentimento de cidadania sendo renovado neles", afirma.

Divididos em dois grupos, 5º e 6º anos, e o segundo, envolvendo do 7º ao 9º anos, os estudantes eram convidados a fazer suas apresentações. Do outro lado a banca examinadora formada por Angélica Ecard e Natalia Gomes de Melo, professoras respectivamente de Língua Portuguesa e Literatura, e a pedagoga Renata Silva, tinha a responsabilidade de avaliar duas categorias: melhor poesia e melhor intérprete de poesias. E, de acordo com a opinião dos jurados, o nível foi muito bom. "Tivemos medo de cometer injustiças, tamanho o equilíbrio das poesias, e acabamos optando por premiar as mais criativas", comentaram juntas, para logo depois entregarem o resultado e seus respectivos vencedores.

Para a primeira categoria, Gabriel Muniz de Abreu, de 10 anos, aluno do 5º ano, recebeu o troféu de vencedor pela poesia "A

O tema "amor" foi o caminho trilhado pelos alunos para se chegar à tão sonhada paz

Além da habilidade e do talento, os vencedores da noite mostraram criatividade e inspiração na hora de escrever e interpretar suas poesias

Árvore do Bem”, onde escreveu: “A semente do bem é o amor, para ela crescer precisa de calor. Os frutos da árvore são as coisas do bem, que você faz sem olhar a quem. Cultiva a paz, colhe justiça. Cultiva a alegria, colhe harmonia. Se você cultivar o mal vai colher ódio e violência. Mas se o desgosto, a amargura e o pecado confessar, sua vida vai se revelar. E a árvore do bem Bons frutos lhe dará”. O melhor intérprete foi o estudante João Vítor. Os segundos colocados foram Yuri Fernando, do 5º ano, e Milena Brito, respectivamente poesia e intérprete.

Na segunda categoria, os jurados premiaram com o primeiro lugar a poesia “Justiça, Paz e Vida”, da aluna Julia Mendes Sezário, do 8º ano. A estudante escreveu explorando o tema sugerido pela escola: “Eu tenho uma proposta, acho que todos vão gostar. Trazer a paz pro mundo e justiça pra acompanhar. Para convidar a paz, basta com a violência acabar. Para convidar a justiça, é só a sociedade se conscientizar. Mas para isso acontecer só depende de você. Os convidados especiais, já selecionei. E a todos interessados sobre a festa eu comuniquei. Ela pode ser legal, pode ser bem divertida. Com a união de todos podemos também brindar a vida”.

Como intérprete a vencedora foi Thainá dos Santos Vidal, do 7º ano. No segundo lugar ficaram os alunos Pedro Marques, também do 7º ano, pela poesia apresentada, e Milena Moraes, do 8º ano, como intérprete. Cada aluno vencedor recebeu um troféu, e todos os demais participantes receberam um kit oferecido pela escola, para marcar a participação de cada um no festival.

O aluno Gabriel Muniz, vencedor de uma das categorias, se mostrou satisfeito com o resultado: “estou muito feliz, emocionado. Acho que ganhei mais sabedoria”, afirmou, enquanto recebia os abraços dos outros colegas.

Troféus e um kit foram entregues, como estímulo, aos participantes do 9º Festival de Poesias do Franciscano



A aluna Thainá dos Santos, também emocionada, afirmou que “tudo que estava acontecendo ali era muito bom”. Segundo a estudante, a experiência obtida com o evento foi o melhor prêmio.

Os pais que estiveram presentes na quadra mostravam-se entusiasmados, incentivando e participando das atividades, com aplausos. Daniel Albuquerque, pai da aluna Daniele, 13 anos, do 7º ano, reconhece o valor do evento para o desenvolvimento da filha: “ela era tímida, e vi como se saiu bem. A participação neste encontro demonstra a evolução que ela tem alcançado. Quem sabe não desperta já para algo que deseja fazer no futuro?”, reflete, satisfeito com a apresentação da filha, tanto na peça como no festival de poesia.



Colégio Franciscano Nossa Senhora das Graças  
Estrada do Pacheco, 216 – Lagoinha – São Gonçalo/RJ

CEP: 24732-570

Tel.: (21) 2702-5908

Coordenadora: Marleide Gomes

Diretora: Irmã Maria Aparecida de Carvalho

Fotos: Marcelo Ávila

# Do Conto e Reconto

## Resgatando a Literatura

Sandra Martins

Quem não conhece a história do Patinho Feio? E a Gata Borralheira? Em suas múltiplas versões, estes contos da literatura infantil despertam o interesse e a admiração de crianças e jovens em todo o mundo. Facilitar, de maneira lúdica, dinâmica e prazerosa, o processo de alfabetização através de contação de histórias é o objetivo do projeto *Resgatando a Literatura através do Conto e Reconto de Histórias*. Com a coordenação das professoras Kátia de Carvalho de Almeida e Kátia Cavalcante Ferreira, as atividades foram desenvolvidas na Classe Especial e na Sala de Recursos no Centro de Inclusão Municipal Helen Keller (CIM), no bairro de Neves.

Referência no município de São Gonçalo quando o tema é educação inclusiva, o CIM atende alunos com dificuldades de aprendizagem e com necessidades educacionais especiais – tais como atraso acadêmico significativo, distúrbio de aprendizagem e diferenças físicas, sensoriais e intelectuais (deficiência mental leve, múltiplas deficiências, paralisia cerebral, síndrome de Down, deficiência auditiva, deficiência visual e condutas típicas) –, oriundos das escolas regulares da prefeitura de São Gonçalo. Entre os atendimentos oferecidos estão: Sala de Recursos, Classe Especial, Psicologia, Fonoaudiologia, Psicomotricidade, Fisioterapia, Oficina de Artes, Informática e Atividades Físicas.

Segundo a secretária municipal de Educação, professora Keyla Nícia, “para garantir o direito das crianças portadoras de necessidades especiais à Educação de qualidade, a Secretaria Municipal de Educação está implantando, em parceria com o Governo Federal, 11 salas de recursos multifuncionais. Além deste projeto, mais de 50 escolas, este ano, realizarão obras que garantirão acessibilidade a estes estudantes”.

O projeto *Resgatando a Literatura através do Conto e Reconto de Histórias* visa possibilitar o contato dos alunos com diversos textos literários, levando-os ao desenvolvimento da oralidade, da leitura e da escrita, além das habilidades corporais, artísticas e intelectuais. Através de vários recursos (livros de histórias, DVDs, fitas de desenho, revistas, CDs, jornais etc.), procurou-se estimular o seu interesse pela leitura e, a partir dessa curiosidade, foram desenvolvidas atividades voltadas para incentivar a leitura e a escrita, o ensino da ortografia e da gramática, estimulando a sua criatividade em recontar a história favorecendo assim o seu aprendizado e a participação de todos os alunos.

O pontapé inicial do projeto se deu por conta da falta de conhecimento de um aluno da professora Kátia sobre histórias da literatura infantil: “Eu fui atender um aluno de 14 anos da rede e ele não conhecia a história do Patinho Feio, a Gata Borralheira, não conhecia. Eu fiquei preocupada e pensei: por que não trabalhar o resgate da literatura através do conto e reconto de histórias, a partir do interesse deles? Só que nós temos que direcionar uma história para que o trabalho possa acontecer. Tudo dependendo do envolvimento que eles demonstrarem. Essa era a nossa preocupação maior. E começamos com esta história, porque foi esta a questão da fala”.

Trabalhando divididas em etapas, cada professora desenvolveu ações que se complementavam. Assim, Ana Regina – orientadora educacional, especialista na área de surdez e deficiência mental e pós-graduada em educação inclusiva – assumia a parte de conteúdo; Kátia Cavalcante – atuante em educação especial, audiocomunicação, arte e arteterapia



O Patinho Feio e a Menina Bonita do Laço de Fitas ajudam as crianças com necessidades educacionais especiais a despertar o interesse pela leitura

– ficava com a parte de artes. “Precisávamos de mais tempo, só trabalhamos um mês o Patinho Feio e um mês a Menina Bonita do Laço de Fitas”, lamentou a professora Kátia, animada com o resultado das oficinas desenvolvidas pelos grupos compostos de quatro a cinco alunos e durante 50 minutos. Também discutimos temas transversais como: valores, alegria, amor, ética, “tudo através da história: o preconceito, a discriminação, a preservação do meio ambiente”, disse Ana Regina.

As histórias foram contadas e recontadas pelos alunos, tendo cada um dado sinais diferentes sobre o que entenderam. A partir do que era contado, as professoras trabalharam a interdisciplinaridade. A interação foi imediata: contação e recontação das histórias, produção textual, pinturas, colagens e confecção de um livro criado pelos alunos durante as oficinas. Para ilustrar o êxito na interação dos alunos com o projeto, a professora Marizete Figueiredo da Conceição – pedagoga, orientadora educacional e psicopedagoga –, também integrante do trabalho, citou o caso do jovem Emanuel. Até o início deste projeto, a psicóloga ainda não tinha conseguido saber qual seria a palavra-chave deste aluno, já que ele não havia revelado. “Quando Kátia pediu o novo título, ele disse: ‘Patinho rejeitado’. Ele colocou a sua palavra. No trabalho ele colocou a palavra-chave dele. Ele se revelou, ficou mais participativo, interessado”.

No quesito interação, dos inúmeros exemplos citados pelas professoras, estão o de alguns que demoraram um pouco para interagir, como foi o caso de uma aluna autista e também portadora de outras síndromes associadas, como aqueles que nunca se



Estimulados pela professora Kátia, os alunos dão asas à imaginação e recontam as histórias compondo novos cenários com recortes, colagens, pinturas a dedo, música e produção textual

deixavam entregar, mas que capitularam nessa nova experiência. Há também o caso de um outro estudante que se mostrava sempre arredio, desinteressado e que mudou radicalmente seu comportamento passando a cooperar com o grupo e a ajudar quem precisasse. “Eles saíam no corredor para mostrar sua produção. Ariane era um desses casos. Batia de sala em sala para mostrar seus desenhos”, disse Kátia, ao lembrar que procuraram não corrigir a produção textual. “Porque era deles. Podíamos até trabalhar outro texto para eles levarem

para casa. Mas esta produção era deles”.

Cada história contada teve a intenção de trabalhar valores, conceitos, que auxiliarão no crescimento de cada aluno e favorecerão a interdisciplinaridade: noção de quantidades, preservação do meio ambiente, identidade, família etc. A fim de facilitar o processo de

aprendizagem, o projeto também trabalhou a autonomia, a socialização, a criatividade e elevou a autoestima dos alunos, respeitando as suas limitações, as suas diferenças e estimulando e descobrindo o potencial de cada um.

Na primeira história, “Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, discutiu-se o respeito às diferenças e o acolhimento das diversidades. Buscou-se desenvolver a oralidade e os alunos construíram um livro – da produção da capa com titulação ao conteúdo, passando pela ilustração. “Gostei muito de trabalhar com o Patinho Feio; mas a Menina Bonita do Laço de Fitas foi fantástico”, salientou Kátia mostrando a capa do livro feita pelos alunos em que elásticos foram transformados nos cabelos da personagem. A partir da história e do interesse dos alunos, foram desenvolvidas atividades artísticas, brincadeiras, pesquisas, conversas informais sobre as famílias, as diversas



influências étnicas na formação cultural brasileira, a identidade, a exploração da árvore genealógica, a diversidade no grupo, a discriminação e o preconceito. Todas essas atividades resultaram na confecção do segundo livro: "Menina Bonita do Laço de Fita, uma Amiga Especial".

"Perguntávamos qual era a parte que eles mais gostaram da história. Registrávamos tudo. Foi quando o coelhinho comeu tanta jabuticaba que passou a noite no banheiro. Houve também a cena do balde de tinta, do coelho tomando café, relatou a professora Kátia, que apresentou essa experiência no Encontro de História em Libras, da Secretaria de Educação, quando narrou o conto da Menina do Laço de Fitas em Libras.

Outro aspecto observado pelas professoras foi a descoberta em alguns alunos de aptidão para o desenho e para as produções artísticas, que até então não tinham sido reveladas. Como ocorreu quando as professoras trabalharam a música "Aquarela" (de Toquinho e Vinicius de Moraes) e pediram para que as crianças desenhassem algo. Um aluno surpreendeu a todos quando fez um muro e ele atrás.

Para saber se o trabalho de alguma forma repercutiu no aluno fora do âmbito escolar, as professoras fizeram uma enquete junto aos responsáveis. A receptividade dos pais foi excelente. Segundo Ana Regina, é rotineiro que as mães escutem que o filho pouco participa das atividades. Mas, depois deste projeto, a fala mudou: "Nossa mãe, seu filho está participando, está ajudando", e ela abria um sorriso. Quando começamos a elogiar, falando da participação, da criatividade, foi muito bom, tudo mudou. Eles estavam felizes, eles saíam daqui felizes. Só o fato de não quererem ir para outro aten-



"Através da história, pudemos trabalhar desde os conteúdos até temas transversais como valores, alegria, amor, ética, preconceito, discriminação, preservação do meio ambiente", disse a professora Ana Regina

dimento, de preferirem ficar aqui, já mostra o quanto o trabalho era prazeroso", ressaltou Ana Regina. "Havia mães comprando livrinhos de história, de conto infantil".

"Emoção" foi a palavra-chave da culminância do projeto com direito a coral e bandinha dos alunos. Um dos momentos de destaque foi quando as professoras mostraram passo a passo todas as fases da construção dos livros. "Só sei que o bom foi ouvir o depoimento de uma mãe: 'professora, então posso comprar livrinho de literatura? Claro que pode. Deve'. E ela saiu daqui dizendo que iria comprar uns livros, porque o filho estava pedindo".

As professoras foram unânimes ao afirmar que, através do relato verbalizado, ilustrado e escrito pelas crianças, das atitudes e dos comportamentos observáveis durante o início, meio e fim do desenvolvimento do projeto, da confecção dos livros produzidos pelos alunos, avaliaram e perceberam que é possível através da Literatura infantil facilitar o processo de ensino e aprendizagem de forma lúdica e prazerosa, obtendo resultados significativos.

Centro de Inclusão Municipal  
Helen Keller (CIM)  
CIEP 437 – Rua Oliveira Botelho,  
s/n – Neves – São Gonçalo/RJ  
CEP: 24400-000  
Tel.: (21) 2729-5672

Professora da Classe Especial: Ana Regina de Carvalho de Almeida  
Professora da Sala de Recursos: Kátia Cavalcante Ferreira  
Fotos cedidas pela escola

**Appai**  
**Tel.: (21) 3983-3200 / 3147-3153**  
**Portal: [www.appai.org.br/ciclo/form.asp](http://www.appai.org.br/ciclo/form.asp)**  
**e-mail: [treinamento@appai.org.br](mailto:treinamento@appai.org.br)**

## 1 - As Novas Regras Ortográficas da Língua Portuguesa

**Objetivo:** Apresentar o novo acordo ortográfico, as mudanças nas regras e suas implicações no processo educacional.

**Data:** 14/07/2009

**Horário:** 9 às 13 horas - terça-feira

**Palestrante:** Sérgio Pachá

**Formação:** Mestre em Língua Portuguesa, pela UFF; Bacharel em Literatura Portuguesa, pela PUC-RJ; Licenciado em Letras, pela PUC-RJ; Curso completo de doutorado em Línguas e Literaturas Hispânicas, pela Universidade da Califórnia, CA; Lexicógrafo-Chefe da Academia Brasileira de Letras. Principal responsável pelas respostas dadas pela Academia Brasileira de Letras às consultas de Língua Portuguesa que lhe são dirigidas, tanto do Brasil quanto do exterior.

**Tipo de Evento:** Palestra

**Situação:** Aberto

**Programação:** O acordo ortográfico: os objetivos, principais motivos da unificação ortográfica, a adaptação às novas regras, o que mudou?

## 2 - Tecendo Matemática com Outras Áreas

**Objetivo:** Conhecer e aplicar um trabalho que integra a matemática presente no Ensino Fundamental a outras áreas do conhecimento.

**Data:** 16/07/2009.

**Horário:** 9 às 13 horas – quinta-feira

**Palestrante:** Katia Regina Ashton Nunes

**Formação:** Mestre em Educação Matemática pela USU, com Especialização pela UFRJ e Graduação em Matemática e Licenciatura Plena pela UFF; Atua como Coordenadora e Professora de Matemática da Educação Infantil ao Ensino Médio; Coordenadora do Grupo de Estudos em Matemática e Arte da UFF; Livro publicado: Fazendo arte com a matemática. Porto Alegre: ARTMED, 2005, v.1. p.128.

**Tipo de Evento:** Curso

**Situação:** Aberto

**Programação:** A matemática hoje; matemática e literatura; matemática e arte; a matemática e o mundo da moda; matemática e meio ambiente.

## 3 - A Leitura Literária na Escola como Produção de Conhecimento: Teoria e Prática

**Objetivo:** Desenvolver uma prática dialógica e artística do texto literário nas séries iniciais do Ensino Fundamental (primeiro ao quinto ano), tendo por base os estudos de Mikhail Bakhtin e Vygotsky – autores que permitem compreender a natureza da linguagem literária e sua relação com a produção do conhecimento.

**Data:** 17/07/2009

**Horário:** 9 às 13 horas - sexta-feira

**Palestrante:** Patrícia da Silva Pacheco

**Formação:** Mestre em Educação pela PUC/RJ; Formação em Letras pela Uerj, com habilitação em Língua portuguesa, língua espanhola e literaturas; Atua no ensino fundamental com a aprendizagem da língua materna e a apropriação do texto literário. Professora e Coordenadora de literatura do Colégio Pedro II; Professora da Unesa.

**Tipo de Evento:** Palestra

**Situação:** Aberto

**Programação:** Sensibilização para o tema por meio de leituras dramatizadas; Exposição dialogada sobre a natureza da linguagem (dimensões dialógica, interdiscursiva e estética); Oficina poética realizada com o grupo para concretizar a discussão teórica; Reflexão dialogada sobre a especificidade do texto literário e suas possibilidades de uso nos diferentes espaços.

## 4 - Síndrome de Burnout

**Objetivo:** Conscientizar os professores sobre a Síndrome de Burnout e ensinar estratégias de prevenção e manejo.

**Data:** 18/07/2009

**Horário:** 9 às 13 horas - sábado

**Palestrante:** Lucia Novaes

**Formação:** Mestre em Psicologia Clínica; Docente da UFRJ e Diretora Técnica do Centro Psicológico de Controle do Estresse.

**Tipo de Evento:** Palestra

**Situação:** Aberto

**Programação:** Definição da Síndrome de Burnout; Histórico; Aspectos básicos; Causas; Sintomas; Consequências; Resiliência, Estratégias de prevenção e manejo.

**Casa do Saber – Rio**  
**Tel.: (21) 2227-2237**  
**Portal: [www.casadosaber.com.br/rio](http://www.casadosaber.com.br/rio)**

## 1 - Para Gostar de Ler (e Escrever) Romance

**Objetivo:** Promover uma introdução ao gênero. Sua história, desenvolvimento e impasses na contemporaneidade. Títulos, inícios e finais de romances memoráveis. A criação de personagens, dos diálogos e a relação tempo cronológico / tempo psicológico. O narrador. Leitura em voz alta pelos participantes de um capítulo exemplar de romance. Impressões sobre o texto lido. O romance que cada um gostaria de ter escrito. E o que tem na cabeça – ou na gaveta – e nunca teve coragem de contar. Além de várias outras reflexões a respeito desse gênero.

**Professor:** Antônio Torres

**Início:** 7/07/2009

**Duração:** 4 encontros

**Dias/horários:** Terças-feiras, às 19 horas (07/07, 14/07, 21/07, 28/07)

## 2 - 50 Anos do Neoconcretismo. Com a Palavra, Gullar

**Objetivo:** No momento em que se completa 50 anos da publicação do Manifesto Neoconcreto, no Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, e da 1ª Exposição de Arte Neoconcreta, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 22 de março de 1959, é um privilégio para a Casa do Saber Rio proporcionar esse encontro muito especial com Ferreira Gullar. Afinal, ele não só foi o autor do seu texto, como participou da exposição, ao lado de Reynaldo Jardim, Lígia Clark, Theon Spanudis, Amílcar de Castro, Lígia Pape e Franz Weissmann, que também co-assinaram aquela criativa, explícita e abrangente reação ao concretismo ortodoxo.

**Professor:** Ferreira Gullar

**Duração:** 1 encontro

**Dias/horários:** Quarta-feira, às 20 horas (22/07)

## 3 - Villa-Lobos e a Música de seu Tempo

**Objetivo:** Uma breve incursão na vasta obra do compositor, examinando seus principais períodos criativos e a relação dos mesmos com sua biografia. Três grandes especialistas se reúnem para analisar alguns dos aspectos mais relevantes da vida e da obra desse compositor cuja extensa e profunda influência marcou a vida musical brasileira durante grande parte do século XX. Neste curso serão analisados aspectos biográficos do maestro, seus principais períodos criativos, seu íntimo entrelaçamento com a cultura brasileira e as mais marcantes influências. Também ganha destaque a produção musical de seus contemporâneos, como Stravinsky, Bela Bartók, Ravel e Camargo Guarnieri, apresentando, assim, um panorama musical de seu tempo.

**Professores:** Vários

**Início:** 14/07/2009

**Duração:** 3 encontros

**Dias/horários:** Terças-Feiras, às 20 horas (14/07, 21/07, 28/07)

**Casa da Ciência – UFRJ**  
**Tel.: (21) 2542-7494**  
**Portal: [www.casadaciencia.ufrj.br](http://www.casadaciencia.ufrj.br)**

A Casa da Ciência e o Observatório do Valongo da UFRJ apresentam, de 23 de junho a 12 de julho, a exposição fotográfica *Astronomia para Poetas*, que faz parte do ciclo de palestras *Ciência para Poetas*. Através de oficinas e mostra de vídeos, entre outras atividades oferecidas, será possível contemplar a beleza e imensidão do cosmo e refletir sobre o nosso lugar nesse universo. Na oficina "Animando Júpiter", por exemplo, as crianças vão aprender a montar uma animação. No workshop "DNA das estrelas", direcionado a professores, serão apresentados os estágios da vida das estrelas em comparação com os da vida humana. As vagas são limitadas. Todos os eventos são gratuitos.

## Atividades

### 1 - Oficinas:

Diariamente: *Construindo um ônibus espacial; Animando Júpiter; Vamos colorir?*

### 2 - Ver Ciência

Diariamente: *Mostra de vídeos - Astronomia*

### 3 - Workshop para Professores

*DNA das estrelas*

27 de junho - sábado - das 10 às 12 horas

Vagas limitadas

### 4 - Observação do Céu em dia de Lua Crescente

30 de junho - terça-feira - das 19 às 21 horas

**Estação das Letras**  
**Tel.: (21) 3237-3947**

## 1 - Como Escrever um Projeto Cultural

**Objetivo:** Oferecer informações necessárias para a produção e inserção de textos num projeto cultural, montagem do orçamento físico-financeiro, elaboração de planilhas de cronograma e distribuição de produtos. Orientações sobre a captação de recursos junto às empresas.

**Professora:** Maria Alice S. Lima – Jornalista e produtora cultural, especializou-se em História da Arte pela Universidade de Tübingem, Alemanha. Trabalha com projetos culturais patrocinados através das leis de incentivo dos governos federal, estadual e municipal.

**Período e horários:** 1ª turma – De 06 a 10/07/2009 – das 18 às 20 horas; 2ª turma – De 27 a 31/07/2009 – das 10 às 12 horas

**Carga Horária:** 10 horas/aula

## 2 - Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – Workshop

**Objetivo:** Com a nova ortografia já em vigor, o curso leva a que se saiba o que mudou na ortografia da Língua Portuguesa, aproveitando para rever o que ficou e praticar através de exercícios.

**Professora:** Liana Duarte – Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC/RJ.

**Período e horários:** Dia 18/07/2009 (sábado), das 10 às 13 horas

**Carga Horária:** 3 horas/aula

## 3 - Mergulho na Escrita

**Objetivo:** Desbloqueio da espontaneidade ao escrever através de exercícios diversos.

**Professor:** Sílvia Carvão – Formada em Letras pela Uerj, com cursos de extensão universitária em Literatura Brasileira.

**Período e horários:** De 13 a 17/07/2009 - das 10 às 12 horas

**Carga Horária:** 10 horas/aula

## 4 - Paisagens Míticas na Grécia Antiga

**Objetivos:** Abordar o universo da mitologia grega e seu material fundamental: seres sobrenaturais, ações prodigiosas, espaços fabulosos. A particularidade do imaginário mítico, na construção de espaços a um só tempo simbólicos e políticos, sublimes e tenebrosos, geográficos e utópicos. Focalização de três ambientes mítico-literários: o mar de Ulisses; a República de Platão; a Atlântida dos poetas, historiadores e filósofos.

**Professor:** Carlinda Fragale Pate Nuñez – Possui graduação em Português/Literatura pela USU, Mestrado e Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela UFRJ. Atualmente é secretária adjunta da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e professor adjunto da Uerj. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Clássicas, atuando principalmente nos seguintes temas: mito, electra, lessing, literatura comparada e teoria da literatura. Tem formação musical (Curso técnico de piano completo, pelo Conservatório Brasileiro de Música).

**Período e horários:** Dias 20, 23 e 24/07/2009 das 18 às 20 horas

**Carga Horária:** 6 horas/aula

## 5 - O Escritor e o Mercado Editorial

**Objetivos:** Entender como funcionam a indústria do livro e o mercado editorial. Os diferentes papéis (autor/ editor/indústria) e suas convergências. O que significa ser autor hoje? Quais os caminhos possíveis de trilhar

para ter seu livro publicado e lido? A viagem do livro na contemporaneidade, dos originais à mesa do editor, suas principais etapas. Curso destinado a profissionais da indústria do livro e escritores que desejam ingressar no mercado conhecendo-lhe as regras.

**Professora:** Maria Amélia Mello – Editora da José Olympio (Grupo Record) com cursos na Inglaterra, Alemanha e EUA. MBA em Mercado Editorial em Stanford. Jornalista e escritora, autora de *As Oito em Ponto* (contos). Ganhadora do Prêmio Faz Diferença (2007).

**Período e horários:** Dia 18/07/2009 (sábado), das 10 às 14 horas.

**Carga Horária:** 4 horas/aula

## 6 - Atelier da Escrita

**Objetivos:** Estimular os alunos ao trabalho com texto. Eles poderão trazer um texto já iniciado ou em projeto (contos, ensaios, crônicas, poemas, novela ou roteiro). O trabalho individual será acompanhado e desenvolvido, passando por revisões e exercícios preparatórios, até a sua finalização.

**Professora:** Bia Albernaz – Graduada em Pedagogia e Doutora em Letras. Poeta, contista e ensaísta. Publicou recentemente *Clareza* - a cidade segundo Clarice.

**Período e horários:** De 13 a 17/07 - das 18 às 20 horas

**Carga Horária:** 10 horas/aula

**Academia Brasileira de Letras**  
**Tel.: (21) 3974-2526**

## 1 - A França no Brasil - Ciclo de Conferências

**Coordenação:** Alberto da Costa e Silva

**Data:** 21 de julho

**Horário:** 17h30

Música francesa: estilo que marcou o Brasil

**Conferencista:** Manoel Correa do Lago

**Data:** 28 de julho

**Horário:** 17h30

Cafés, livrarias e cocotes - modismos e outras influências parisienses nos costumes brasileiros

**Conferencista:** Mary del Priori

**Data:** 4 de agosto

**Horário:** 17h30

A presença do teatro francês na sociedade brasileira

**Conferencista:** Sábato Magaldi

**Cepuerj**  
**Tel.: (21) 2587-7707**

## 1 - II Seminário de Pesquisas e Práticas Pedagógicas

**Inscrições:** até 11 de setembro

**Data do evento:** 24 de outubro (sábado)

**Tema:** Linguagem Visual e Educação: O Sentido do Texto Visual em Sala de Aula.

**Público-alvo:** professores, alunos de licenciatura e educadores em geral

**Investimento antecipado:**

R\$ 20,00 (para estudantes)

R\$ 25,00 (professores)

R\$ 30,00 (demais profissionais).

**CCBB**  
**Tel.: (21) 3808-2020**

## CCBB apresenta "Dramaturgias"

O projeto, em sua primeira edição no Rio de Janeiro, apresenta leituras dramatizadas de textos de autores contemporâneos franceses, russos e argentinos; debates; lançamento de livros da Coleção Palco Sur Scène, que trazem peças teatrais brasileiras e francesas em volumes bilingües

**Dias:** 22 de julho; 19 de agosto; 16 de setembro; 21 de outubro e 18 de novembro

**Horário:** 18h30

**Local:** Centro Cultural Banco do Brasil

# Escrever de verdade

**Para produzir textos de qualidade, seus alunos têm de saber o que querem dizer, para quem escrevem e qual é o gênero que melhor exprime essas ideias. A chave é ler muito e revisar continuamente.**



Narração, descrição e dissertação. Por muito tempo, esses três tipos de texto reinaram absolutos nas propostas de escrita. Consenso entre professores, essa maneira de ensinar a escrever foi uma das principais responsáveis pela falta de proficiência entre nossos estudantes. O trabalho baseado nas famosas composições e redações escolares tem uma fragilidade essencial: ele não garante o conhecimento necessário para produzir os textos que os alunos terão de escrever ao longo da vida. “Nessa antiga abordagem, ninguém aprendia a considerar quem seriam os leitores. Por isso, não havia a reflexão sobre a melhor estratégia para colocar uma ideia no papel”, resume Telma Ferraz Leal, da Universidade Federal de Pernambuco.

Para aproximar a produção escrita das necessidades enfrentadas no dia-a-dia, o caminho atual é focar o desenvolvimento dos comportamentos leitores e escritores. Ou seja: levar a criança a participar de forma eficiente de atividades da vida social que envolvam ler e escrever. Noticiar um fato num jornal, ensinar os passos para fazer uma sobremesa ou argumentar para conseguir que um problema seja resolvido por um órgão público: cada uma dessas ações envolve um tipo de texto com uma finalidade, um suporte e um meio de veiculação específicos. Conhecer esses aspectos é condição mínima para decidir, enfim, o que escrever e de que forma fazer isso. Fica evidente que não são apenas as questões gramaticais ou notacionais (a ortografia, por exemplo) que ocupam o centro das atenções na construção da escrita, mas a maneira de elaborar o discurso (leia o quadro abaixo).

## Expectativas de aprendizagem

No que se refere à escrita, é importante que, no fim do 5º ano, o aluno saiba:

- ▶ Re-escrever e/ou produzir textos de autoria utilizando procedimentos de escritor: planejar o que vai escrever considerando a intencionalidade, o interlocutor, o portador e as características do gênero; fazer rascunhos; reler o que está escrevendo, tanto para controlar a progressão temática como para melhorar outros aspectos – discursivos ou notacionais – do texto.
- ▶ Revisar escritas (próprias e de outros), em parceria com os colegas, assumindo o ponto de vista do leitor com intenção de evitar repetições desnecessárias (por meio de substituição ou uso de recursos da pontuação); evitar ambiguidades, articular partes do texto, garantir as concordâncias verbal e nominal.
- ▶ Revisar textos (próprios e de outros) do ponto de vista ortográfico.

Ao concluir o 9º ano, o estudante precisa estar apto também a:

- ▶ Compreender e produzir uma variedade de textos, tendo em conta os padrões que os organizam e seus contextos de produção e recepção.
- ▶ Utilizar todos os conhecimentos gramaticais, normativos e ortográficos em função da otimização de suas práticas sociais de linguagem.
- ▶ Exercer sobre suas produções e interpretações uma tarefa de monitoramento e controle constantes. Interpretar e produzir textos para responder às demandas da vida social enquanto cidadão.

*Fontes: Secretaria de Estado de Educação de São Paulo e Diseño Curricular de la Educación Secundaria da Provincia de Buenos Aires, Argentina.*

## Os textos redigidos em classe precisam de um destinatário

“Escreva um texto sobre a primavera”. Quem se depara com uma proposta como essa imediatamente deveria fazer a si próprio algumas perguntas. Para quê? Que tipo de escrita será essa? Quem vai lê-la? Certas informações precisam estar claras para que se saiba por onde começar um texto e se possa avaliar se ele condiz com o que foi pedido. Nas pesquisas didáticas de práticas de linguagem, essas delimitações levam o nome de condições didáticas de produção textual. No que se refere ao exemplo citado, fica difícil responder às perguntas, já que esse tipo de redação não existe fora da escola, ou seja, não faz parte de nenhum gênero.

De acordo com Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz, o trabalho com um gênero em sala de aula é o resultado de uma decisão didática que visa proporcionar ao aluno conhecê-lo melhor, apreciá-lo ou compreendê-lo para que ele se torne capaz de produzi-lo na escola ou fora dela. No artigo *Os Gêneros Escolares – Das Práticas de Linguagem aos Objetos de Ensino*, os pesquisadores suíços citam ainda como objetivo desse trabalho desenvolver capacidades transferíveis para outros gêneros.

Para que a criança possa encontrar soluções para sua produção, ela precisa ter um amplo repertório de leituras. Essa possibilidade foi dada à turma de 9º ano da professora Maria Teresa Tedesco, do Centro de Educação e Humanidades Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – conhecido como Colégio de Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Procurando desenvolver a leitura crítica de textos jornalísticos e o conhecimento das estruturas argumentativas na produção textual, ela propôs uma atividade permanente: a cada semana, um grupo elegia uma notícia e expunha à turma a forma como ela tinha sido tratada nos jornais. Depois, seguia-se um debate sobre o tema ou a maneira como as reportagens tinham sido veiculadas.

Paralelamente, os estudantes tiveram contato com textos de finalidades comunicativas diversas no jornal, como cartas de leitores, editoriais, artigos opinativos e horóscopo. “O objetivo era que eles analisassem os materiais, refletissem sobre os propósitos de cada um e adquirissem um repertório discursivo e linguístico”, conta Maria Teresa, que lançou um desafio: produzir um jornal mural.

## Na hora de iniciar uma produção escrita, todo estudante precisa saber o quê, para quê e para quem vai escrever. Só então se define a forma do texto, que precisa ser entendido pelo leitor

A proposta era trabalhar com textos opinativos, como os editoriais. Para que a escrita ganhasse sentido, ela avisou que o jornal seria afixado no corredor e que toda a comunidade escolar teria acesso a ele. Os assuntos escolhidos tratavam das principais notícias daquele momento, como o surto de dengue no Rio de Janeiro e a discussão sobre a maioria penal. Com as características do gênero já discutidas e frescas na memória, todos passaram à produção individual.

A primeira versão foi lida pela professora. “Sempre havia observações a fazer, mas eu deixava que os próprios meninos ajudassem a identificar as fragilidades”, diz Maria Teresa. Divididos em pequenos grupos, os alunos revisaram a produção de um colega, escrevendo um bilhete para o autor com sugestões e avaliando se ela estava adequada para publicação. Eram comuns comentários como “argumento fraco”, “pouco claro” e “falta conclusão”, demonstrando o repertório adquirido com a leitura dos modelos.

“Envolver estudantes de 6º a 9º anos na produção textual é um grande desafio”, resalta Roxane Rojo, da Universidade Estadual de Campinas. “Muitas vezes, eles tiveram de produzir textos sem função comunicativa durante a escolaridade inicial e, por acreditarem que escrever é uma chatice, são mais resistentes.” Atenta, Maria Teresa soube driblar esse problema.

Percebendo que a turma andava inquieta com a proibição por parte da direção do uso de short entre as meninas, a professora fez disso tema de um editorial do jornal mural – a produção foi uma das melhores propostas do projeto.

“Para que alguém se coloque na posição de escritor, é preciso que sua produção tenha circulação garantida e leitores de verdade”, diz Roxane. E todos saberiam a opinião do aluno sobre a questão, inclusive a diretoria. “Só assim ele assume responsabilidade pela comunicação de seu pensamento e se coloca na posição do leitor, antecipando como ele vai interpretá-lo”. A argumentação da garotada foi tão bem estruturada que a diretoria resolveu voltar atrás e liberar mais uma vez o uso da roupa entre as garotas.

A criação de condições didáticas nas propostas para as turmas de 1º a 5º anos segue os mesmos preceitos utilizados pela professora Maria Teresa. “Em qualquer série, como na vida, produzir um texto é



resolver um problema”, ensina Telma Ferraz Leal. “Mas para isso é preciso compreender quais são os elementos principais desse problema”.

### Revisão vai além da ortografia e foca os propósitos do texto

Produzir textos é um processo que envolve diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e re-escrever. Esses comportamentos escritores são os conteúdos fundamentais da produção escrita. A revisão não consiste em corrigir apenas erros ortográficos e gramaticais, como se fazia antes, mas cuidar para que o texto cumpra sua finalidade comunicativa. “Deve-se olhar para a produção dos estudantes e identificar o que provoca estranhamento no leitor dentro dos usos sociais que ela terá”, explica Fernanda Liberali.

Com a ajuda do professor, as turmas aprendem a analisar se ideias e recursos utilizados foram eficazes e de que forma o material pode ser melhorado. A sala de 3º ano de Ana Clara Bin, na Escola da Vila, em São Paulo, avançou muito com um trabalho sistemático de revisão. Por um semestre, todos se dedicaram a um projeto sobre a história das famílias, que culminou na publicação de um livro, distribuído também para os pais. Dentro desse contexto, Ana Clara propôs a leitura de contos em que escritores narram histórias da própria infância.

Os estudantes se envolveram na reescrita de um dos contos, narrado em primeira pessoa. Eles tiveram de reescrevê-lo na perspectiva de um observador – ou seja, em terceira pessoa. A segunda missão foi ainda mais desafiadora: contar uma história da infância dos pais. Para isso, cada um entrevistou familiares, reuniu as informações colhidas em forma de tópicos e colocou tudo no papel.

Ana Clara leu os trabalhos e elegeu alguns pontos para discutir. “O mais comum era encontrar só o relato de um fato”, diz. “Recorremos, então, aos contos lidos para saber que informações e detalhes tornavam a história interessante e como organizá-los para dar emoção”. Cada um releu seu conto, realizou outra entrevista com o parente-personagem e produziu uma segunda versão.

Tiveram início aí diferentes formas de revisão: análise coletiva de uma produção no quadro-negro, revisão individual com base em discussões com o grupo e revisões em duplas – realizadas dias depois para que houvesse distanciamento em relação ao trabalho. A primeira proposta foi a “revisão de ouvido”. Para realizá-la, Ana Clara leu em voz alta um dos contos para a turma, que identificou a omissão de palavras e informações. A professora selecionou alguns aspectos a focar na revisão: ortografia, gramática e pontuação. “Não é possível abordar de uma só vez todos os problemas que surgem”, completa Telma.

### O objetivo do aluno ao fazer a revisão de texto é conseguir que ele comunique bem suas ideias e se ajuste ao gênero. Isso tem de ser feito tanto durante a produção como ao fim dela

Quando a classe de Ana Clara se dividiu em duplas, um de seus propósitos era que uns dessem sugestões aos outros. A pesquisadora argentina em didática Mirta Castedo é defensora desse tipo de pro-

posta. Para ela, as situações de revisão em grupo desenvolvem a reflexão sobre o que foi produzido por meio justamente da troca de opiniões e críticas. “Revisar o que os colegas fazem é interessante, pois o aluno se coloca no lugar de leitor”, emenda Telma. “Quando volta para a própria produção e faz a revisão, a criança tem mais condições de criar distanciamento dela e enxergar fragilidades”.

Um escritor proficiente, no entanto, não faz a revisão só no fim do trabalho. Durante a escrita, é comum reler o trecho já produzido e verificar se ele está adequado aos objetivos e às ideias que tinha intenção de comunicar – só então planeja-se a continuação. E isso é feito por todo escritor profissional.

A revisão em processo e a final são passos fundamentais para se conseguir de fato uma boa escrita. Nesse sentido, a maneira como você escreve e revisa no quadro-negro, por exemplo, pode colaborar para que a criança o tome como modelo e se familiarize com o procedimento. Sobre o assunto, Mirta Castedo escreve em sua tese de doutorado: “Os bons escritores adultos (...) são pessoas que pensam sobre o que vão escrever, colocam em palavras e voltam sobre o já produzido para julgar sua adequação. Mas, acima de tudo, não realizam as três ações (planejar, escrever e revisar) de maneira sucessiva: vão e voltam de umas a outras, desenvolvendo um complexo processo de transformação de seus conhecimentos em um texto”.

---

Matéria cedida pela  
Revista Nova Escola  
Colaboração: Tadeu  
Breda  
Ilustração: Luiz  
Cláudio de Oliveira



# Cada vez menos dúvidas

Sandro Gomes

A cada edição do Jornal Educar vamos abordando novas questões da nossa Língua Portuguesa para facilitar o seu conhecimento na hora de falar e escrever. Esperamos que a cada edição você tenha menos dúvidas. Por isso seguem mais alguns casos.

## DESPERCEBIDO / DESAPERCEBIDO

Trata-se de dois adjetivos que, talvez devido à semelhança, acabam por vezes sendo usados indistintamente, como se tivessem o mesmo significado. Mas o fato é que se referem a coisas diferentes. **Despercebido** significa *não notado* ou *não percebido*. **Ex.:** *Seus esforços não passaram despercebidos* (isto é, foram percebidos). Já **Desapercebido** quer dizer *desprevenido* ou *descuidado*. **Ex.:** *Desapercebido, não tinha como pagar aquele valor.*

## ESPECTADOR / EXPECTADOR

Essa dúvida ocorre principalmente com referência à escrita, já que são palavras parônimas (semelhantes na escrita, mas com significados diferentes). Mas alguns, equivocadamente, usam uma em lugar da outra, confundindo os significados. Vamos às diferenças. **Espectador** é aquele que vê, assiste. **Ex.:** *Os espectadores de televisão têm esse perfil.* **Expectador** é todo aquele que espera (mantém expectativa) alguma coisa. **Ex.:** *Estava ali como um tenso expectador da tragédia anunciada.*

## HAYER / A VER

Há frequentemente dúvida quanto ao que usar nesse caso. Mas é uma questão bastante simples porque aqui só cabe uma das opções. A expressão correta é **a ver**. Há a confusão provavelmente porque na fala não existe diferença entre as duas formas. Basta descartar o uso com o verbo **haver**. Assim, o correto é *Essa roupa tem tudo a ver comigo* e nunca *Essa roupa tem haver comigo*.

## FLUIR / FRUIR

Mais um caso que, pela pequena diferença, é alvo de deslizos, nesse caso na escrita e na fala. **Fluir** significa correr (líquido), escoar, passar etc., sendo derivado de fluido, material volátil que se dispersa com facilidade. **Exs.:** *O rápido fluir (passar) do tempo intriga os homens./ Com a pancada o sangue fluía (corria) incontrolável.* Já **Fruir**

tem o sentido de fruto, daquilo que se pode aproveitar, desfrutar, gozar. **Ex.:** *Todos têm direito a fruir (gozar) as boas coisas da vida.*

## DESTRATAR / DISTRATAR

Caso bastante sutil cuja diferença de significado é dada pelos prefixos (DES / DIS), já que a raiz – nesse caso o verbo *tratar* – permanece a mesma e com o mesmo sentido. *Destratar* significa insultar, descompor. **Ex.:** *Acabou destrutado (insultado) pelos seguranças do artista.* *Distratar* quer dizer desfazer um acordo, anular. **Ex.:** *Optou por distratar o acordo antes de ter problemas.*

## EMITIR / IMITIR

Mais um caso de paronímia. A semelhança muito grande entre as duas palavras é certamente a causa da confusão que muitas vezes ocorre. Vejamos. **Emitir** é *lançar fora, dispensar* etc. **Ex.:** *Deve ser imediatamente emitido (lançado) um aviso de urgência.* Já **imitir** é sinônimo de *investir*. **Ex.:** *O governo deveria imitir mais recursos para a educação.*

## DEMAIS / DE MAIS

Para alguns trata-se de duas maneiras de escrever a mesma coisa. Mas é um equívoco, já que cada uma delas tem uma função determinada. **Demais** é usado para substituir a palavra *muito*. **Ex.:** *Chegou cansado demais (muito cansado) pra entrar em discussão.* Usa-se o **de mais** quando a finalidade é expressar o oposto da ideia de **de menos**. **Ex.:** *Havia pessoas de mais (se fosse o contrário usaríamos de menos) na conferência.*

Este espaço segue pesquisando essas “dúvidas” para trazer até você melhores condições de falar e escrever. Mande pra nós a sua dúvida e vamos nos esforçar para oferecer os necessários esclarecimentos. Entre em contato conosco pelo e-mail: [revisao@appai.org.br](mailto:revisao@appai.org.br). Mas não esqueça do lembrete que fazemos a cada edição: A melhor forma de dominar a escrita é praticar a leitura. Até a próxima.

**Sandro Gomes** é Bacharel em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de Revisor do Jornal Appai Educar.

Dê alimentos orgânicos para seus filhos.  
Seus netos agradecem.

orgânicos



ENTRE PARA O MUNDO  
DA VIDA SAUDÁVEL  
PREFIRA ALIMENTOS ORGÂNICOS

# Qual creme dental usar?

Responsável por uma boa parcela do faturamento do setor de higiene pessoal, o creme dental ou pasta de dente, como é popularmente conhecido, oferece ao consumidor um leque de opções de eficácia acerca da higienização, como: mais proteção para as gengivas, branqueamento, máxima proteção anticáries, proteção total, tripla refrescância, ação antiplaca, além de uma gama de sabores e associações a escolha do consumidor.

Segundo os especialistas a função da pasta é auxiliar a escova na remoção da placa bacteriana da superfície dental, além de deixar um cheiro agradável na boca. Entretanto, atualmente o creme dental exerce a função terapêutica graças à incorporação de alguns agentes químicos em seus ingredientes, que auxiliam na prevenção da cárie, reduzem a formação de tártaro, a hipersensibilidade dos dentes e a ocorrência de placa.

## Que pasta devo usar?

Antes de tudo, observe se a pasta contém flúor, fundamental para auxiliar na prevenção da cárie e consulte seu cirurgião-dentista para saber qual é o tipo mais indicado para você.

**Auxiliares na prevenção da cárie:** todas que contenham flúor ou aloe vera associada à própolis.

**Auxiliares na redução da placa bacteriana:** todas que contenham triclosan associado ao gantrez ou citrato de zinco, ou aloe vera ao própolis.

**Auxiliares na redução do tártaro:** todas que contenham triclosan associado ao citrato de zinco ou pirofosfato tetrassódico.

**Auxiliares na ação anti-inflamatória:** todas que contenham triclosan associado ao gantrez, aloe vera ao própolis e presença de plantas naturais como camomila, malva e juá.

**Auxiliares na redução da hipersensibilidade dentinária:** todas que contenham cloreto de estrôncio ou nitrato de potássio a 5%.

## Quantidade indicada a cada escovação

Coloque a pasta em toda a extensão das cerdas da escova. É preciso que o creme tenha penetrado entre as cerdas para que se tenha alguma ação dos componentes da pasta sobre a superfície dental durante a escovação.

## Para as crianças: com ou sem flúor?

Crianças de até 3 anos de idade, alerta a odontopediatra Dr<sup>a</sup>. Meri Cleis Rodrigues Cordeiro, não podem usar pasta de dente que contenha flúor. "Até essa idade, os pais devem escovar os dentes da criança só com água na escova ou, para incen-

tivar, usar creme dental sem flúor. Mesmo assim, este deve ser em pouca quantidade". A ingestão excessiva de flúor durante o desenvolvimento do dente pode causar defeito de formação do esmalte dental, chamado de fluorose dentária. Para que isso não ocorra, Dr<sup>a</sup>. Meri dá as seguintes orientações:

- \* utilize escovas infantis (formato pequeno);
- \* coloque pouca quantidade de pasta na escova (de 0,10g a 0,30g), que correspondem a um grão de feijão. O creme deve penetrar nas cerdas da escova e não ficar sobre elas;
- \* crianças pequenas devem ter seus dentes higienizados por seus pais ou responsáveis, sendo eles os encarregados de colocar a pasta na escova;
- \* a criança deve ser estimulada a cuspir para adquirir este reflexo o mais cedo possível;
- \* não deixe o creme dental com flúor ao alcance de crianças.

## Atenção:

Somente um cirurgião-dentista está apto para avaliar as necessidades de cada paciente em relação ao tipo de pasta a ser usado. "Nem todos precisam usar pastas com ingredientes específicos como muitas vezes é veiculado na mídia", explica a professora de periodontia da Unip, Dr<sup>a</sup>. Patrícia Bertolini. Ela alerta ainda sobre o uso constante de pastas de dente muito abrasivas (com sílica), que podem desgastar o esmalte dos dentes e, associado à escovação incorreta, acarretar retração gengival e sensibilidade ao dente.

**Colaboração:** Vanessa Olivier





## Turmas da educação infantil dão aula de cidadania e preservação do meio ambiente

Tony Carvalho

“Com pequenos gestos se fazem grandes ações: pequeninos em prol do meio ambiente”. Essa foi a proposição que norteou as atividades, nos meses de abril e maio, na Creche Municipal Silveirinha, em Deodoro. O projeto partiu da necessidade de conscientização das questões ambientais através do estímulo, de forma lúdica e prazerosa, de atitudes positivas de cuidado com o ambiente que nos cerca.

“Cientes de que pequenos gestos produzem grandes transformações, propusemos, no cotidiano, ações que contribuam para formar cidadãos capazes de preservar o meio ambiente, de reconhecer a importância das relações de causa e efeito na natureza e o real significado de tal ato para a vida de todos os seres no planeta. Começamos fazendo economia do uso da água na creche, na hora do banho e da higiene bucal, partindo para questões gerais: o lixo nas ruas do bairro e as queimadas que ocorrem constantemente na comunidade. As crianças são as maiores divulgadoras das questões que são abordadas aqui. Quando levam essas informações para casa, elas funcionam como pequenos educadores e, aí, as transformações ocorrem”, define Roberta Andrade do Nascimento, a professora articuladora da creche.

A culminância do projeto começou com uma caminhada em torno da unidade escolar. As crianças, com palavras de ordem como “Viva a natureza”, despertaram a atenção de moradores do bairro que pararam suas atividades diárias para dar atenção à manifestação mirim. Soldados do Exército, do 21º Batalhão de Logística, vizinho à creche, acompanhavam a passeata ao som de tambores. A caminhada contou também com a presença





Os alunos especiais da Escola Mascarenhas de Moraes apresentaram um teatrinho de fantoches enfocando temas ambientais



de alunos das Escolas Municipais Condessa Pereira Carneiro, Ivan Rocco e Mascarenhas de Moraes.

De volta à creche, os visitantes puderam conferir os trabalhos realizados por cada turminha. Cada uma delas trabalhou um tema específico: reciclagem, poluição, floresta, animais em extinção e meio ambiente. As professoras Mariângela Ramos, Claudia Mendonça e Flávia Monteiro, do Maternal 1, trabalharam com a coleta seletiva. “Além de mostrar a diferença das cores para selecionar os diferentes tipos de resíduos, trabalhamos a conscientização de que todo lixo é reaproveitável e de que há lixos que demoram a se decompor na natureza. Mesmo pequenos, eles levam o conhecimento para o núcleo familiar e o disseminam entre seus membros”, afirma Mariângela.

Em outra turma do M1, as crianças estudaram a água. As professoras Luciana Moreira, Poliana dos Santos e Ana Cavalcanti

construíram um terrário para apresentar, através da observação prática, o ciclo e a compreensão do processo que leva às chuvas. Em outro experimento,

as crianças também compreenderam o processo de filtragem da água.

Na sala das professoras Aparecida Matos, Jaqueline de Jesus e Márcia Alvarenga, os alunos do Maternal 2 enfocaram a poluição do meio ambiente. A partir de rodas de conversas, contações de histórias e de desafios de perguntas e respostas, a turma partiu para a construção de painéis educativos. “Fizemos brinquedos a partir de materiais reaproveitáveis, conscientizando o adulto de amanhã. Em todas as etapas do projeto, nós envolvemos os familiares, que trazem de casa as garrafas *pet*, o papelão, enfim, tudo o que pode ser reutilizado”, conta Aparecida. As professoras

Eliane Cristina, Andreia Regina e Flávia Amaral, também do M2, trabalharam a reciclagem. Uma outra turma do M2, dos professores Claudio Santana, Andreia Rodrigues e Danielle Neves, abordou a proteção das florestas. Os alunos realizaram atividades de pintura com tinta guache e dobraduras, e ajudaram a produzir um grande cartaz enfatizando o respeito à natureza.

A comunidade também pôde participar de uma oficina de reciclagem de alimentos, conduzida pela lactarista da creche Laudelina Silva, com direito a uma apostila recheada de receitas deliciosas. Durante a culminância, foram realizadas



Cada turminha trabalhou um tema específico: reciclagem, poluição, floresta, animais em extinção e meio ambiente



A caminhada contou com a presença de alunos das Escolas Municipais Condessa Pereira Carneiro, Ivan Rocco e Mascarenhas de Moraes

apresentações musicais pelas crianças e um esquete teatral pela equipe de professores. O destaque ficou por conta dos alunos especiais da Escola Mascarenhas de Moraes, que apresentaram um teatrinho de fantoches, arrancando aplausos da criançada.

“Para as crianças especiais, o ato de apresentar-se em público é muito significativo, pois mexe com a autoestima e faz com que elas percebam que são capazes de ser os autores da ação. E para os outros alunos também é positivo porque

irão aprender conceitos ambientais através de um processo lúdico”, avalia a diretora adjunta da Escola Mascarenhas de Moraes, professora Claudia Albuquerque.

Também estiveram presentes ao evento as professoras Leila Maria de Oliveira, da Gerência de Educação da 8ª CRE, e Iara Corrêa, da Assessoria de Ação Integradora. “A integração da escola com a comunidade já é uma prática dessa unidade escolar. Com isso,

o pai sabe o que o filho está fazendo e acredita no trabalho. Em contrapartida, a criança também se sente mais confiante”, afirma Leila. A diretora geral da creche, professora Marilene Ramos Ferreira, confirma que essa interação família-escola está produzindo bons frutos. “A frequência dos nossos alunos é muito grande e se, por algum motivo, a criança não puder vir, a mãe faz questão de telefonar justificando a ausência. Isso, sem dúvida, é uma conquista”, comemora.

Crianças da Creche Silveirinha homenagearam algumas profissões que, de alguma forma, estão relacionadas à preservação ambiental



Creche Municipal Silveirinha  
Rua Calixto Silva, s/nº – Pró Morar II s/nº  
Deodoro – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21616-180  
Tel.: (21) 2457-4375  
Fotos: Tony Carvalho

# Rio lança plano para combater violência sexual contra crianças e adolescentes

Tony Carvalho

A Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro (SMAS) lançou, no último dia 3 de junho, o Plano Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. A cerimônia de apresentação do plano aconteceu durante o Primeiro Fórum do Programa de Ações Integradas Referenciais (Pair), da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Governo Federal, que reuniu cerca de 300 pessoas no auditório da Fundação Escola da Defensoria Pública, no centro do Rio. Estiveram presentes o secretário Municipal de Assistência Social, Fernando William Ferreira; o diretor do Núcleo de Direitos Humanos do município, Marcelo Cunha; o subsecretário de Ensino, da Secretaria Municipal de Educação, Álvaro Chrispino, entre outras autoridades. A Appai se fez presente através do coordenador do Programa de Projetos de Ações Sociais da entidade, Rodrigo Lacerda.

Para o secretário Fernando William, o plano é resultado de um amplo processo de mobilização, articulação e discussão em conjunto com os órgãos que compõem o Sistema de Garantia de Direitos. “As ações foram elaboradas em parceria com órgãos dos governos estadual e federal, a partir do diagnóstico de casos. Com o plano haverá um esforço maior para identificar quem comete esse tipo de crime”, afirmou. O secretário disse ainda que um levantamento feito na cidade do Rio aponta que 90% das crianças e adolescentes que estão nas ruas, em situação de vulnerabilidade, consomem crack. Por isso, a secretaria quer aumentar o número de abrigos na cidade.

O Plano Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes foi preparado durante dois anos por uma comissão representada pela sociedade civil e pelo governo municipal. Ele é formado por seis eixos: diagnóstico e mapeamento; mobilização; defesa e responsabilização; atendimento; prevenção; e protagonismo infanto-juvenil. As ações serão implementadas nas cinco regiões em que a



A primeira mesa de debatedores foi composta por Álvaro Chrispino, subsecretário de Ensino de Educação; Fernando William, secretário Municipal de Assistência Social; Riva Rozemberg, da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil; Rodrigo Lacerda, representando a APPAI, e Eufrásia de Souza, defensora pública da Coordenadoria de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente

cidade está dividida. Em cada uma delas está implantado um Serviço de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Secabexs), responsável pela mobilização comunitária, diagnóstico dos problemas e avaliação de como eles podem ser enfrentados.

Rodrigo Lacerda enfatiza que a aproximação da gestão pública com a sociedade civil é fundamental para que o plano de enfrentamento atinja os seus objetivos. E isso, segundo ele, se dá através de parcerias. “Este seminário foi o marco inicial. A Appai estará dividindo algumas responsabilidades, em forma de parceria, com a Secretaria Municipal de Assistência Social, no combate ao abuso à criança e ao adolescente. Já está em andamento o projeto Embaixada da Liberdade, em Mangueiras, que irá prestar acolhimento, amparo e assistência às vítimas de exploração sexual e aos usuários de drogas. Entendemos que esse trabalho junto àquela comunidade ajudará a resgatar a autoestima e a afetividade no núcleo familiar”, conclui Rodrigo.



No período de 10 a 20 de setembro, o Jornal Appai Educar e a Educação Continuada estarão participando da Bienal do Livro no Riocentro, com oficinas e cursos.

Em breve, mais informações no portal [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)



# Amazônia em exposição

Mostra retrata os aspectos sociais e culturais de uma das maiores áreas verdes do planeta

Tony Carvalho

Considerada a área de maior extensão de floresta tropical do mundo, representando 40% do total ainda existente do planeta, a Amazônia representa 66% dos 8,5 milhões de quilômetros quadrados do território brasileiro. Lá se encontra a mais extensa rede fluvial e o maior volume de água doce disponível no planeta, sistema que presta valiosos serviços ambientais ao regular a quantidade de gás carbônico na atmosfera e orquestrar a distribuição de chuvas em quase metade da América Latina.

Isso sem falar da biodiversidade da região, com uma variedade de espécies que atuam como controladores naturais de pragas, dispersores de sementes e sendo ainda responsáveis pela polinização de uma grande variedade de plantas. Para abordar todos esses aspectos e os problemas ambientais e sociais que assolam o país, a equipe pedagógica do Colégio São Lucas, em Santa Cruz, região oeste do Rio, definiu como eixo condutor da 12ª Feira Cultural o tema *Amazônia, Segurança Pública e Fraternidade*, envolvendo os estudantes desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A professora Rosângela Nogueira, diretora pedagógica da Educação Infantil e do primeiro segmento do Ensino Fundamental, destaca o trabalho integrado de toda a equipe: "Buscamos, em cada projeto, inculcar os

Em sala de aula, alunos da Educação Infantil aprenderam que a região amazônica é rica em plantas que curam. Durante a mostra, foram expostas algumas espécies utilizadas pelos nativos e até pela indústria farmacêutica



A professora de Educação Física Dilza Lessa montou, com alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, um esquete musical retratando o desmatamento da floresta amazônica



valores fundamentais para a formação do cidadão, sempre contando com a participação efetiva dos pais, que se envolvem com prazer, e com o empenho dos professores, que vestem a camisa", afirma.

Para a mostra, os alunos do Maternal reproduziram a moradia e os trabalhos artesanais das tribos amazônicas. Outra turma da Educação Infantil retratou os ribeirinhos daquela região, que convivem com a falta de saneamento básico. As professoras do Jardim 1 montaram uma maquete simulando um rio poluído, enquanto as crianças do Jardim 3 apresentaram trabalhos sobre as plantas que curam.

Já os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental trouxeram para a mostra curiosidades sobre o festival folclórico de Parintins,



com a tradicional rivalidade entre os bois Garantido e Caprichoso. A professora de Língua Portuguesa e Ciências do 4º ano Sílvia Renata abordou aspectos ligados aos povos indígenas da Amazônia, instigando os alunos a produzir textos e estudos científicos sobre os costumes e os alimentos que fazem parte da culinária nativa.

Para as turmas do Ensino Médio e do segundo segmento do Fundamental, os subtemas trabalhados não foram divididos por turma ou série, como explica a diretora pedagógica, professora Simone Marinho: "O grande diferencial da mostra é que o próprio aluno desses segmentos pudesse optar pela disciplina em que desejasse participar. Ele faz a inscrição de acordo com as suas aptidões. Dessa forma, o jovem sente prazer em participar das atividades, o que faz o processo acontecer", relata.

Em um dos estandes, alunos enfocaram a vida do seringueiro, sindicalista e ativista ambiental Chico Mendes. "Não se pode falar da Amazônia sem retratar a história desse verdadeiro ícone pela preservação daquela região, sinônimo de fraternidade de uma classe que se uniu em prol de um ideal. Ele foi vítima da falta de segurança pública, pois, ao denunciar os grandes latifundiários, todos sabiam que ele poderia ser assassinado", afirma a professora de Língua Portuguesa, Rosilene Silva.

A professora de História Marcela Lopes abordou a guerrilha urbana e os confrontos sociais em contraste com os movimentos pacifistas. Por sua vez, André Diele, professor de Geografia, aprofundou os temas ligados aos problemas ambientais da Amazônia. O professor de Física Júlio Bello incentivou seus alunos a desenvolverem experimentos sobre a transformação de energia. O aluno Érick dos Santos, do 3º ano, colocou em prática a afirmação do pai da Química, Antoine Lavoisier, de que "na natureza nada se perde, tudo se transforma".

Érick provocou uma reação a partir de uma pilha comum, gerando energia química que se transformou em energia elétrica e, por sua vez, produziu energia mecânica, a qual fez girar uma hélice e se converteu em energia eólica. Os professores de Matemática também conseguiram unir o conteúdo de sala de aula ao tema da mostra: a professora Milena Almeida trabalhou com gráficos estatísticos a partir de dados obtidos sobre o desmatamento e a extinção de animais,

Por meio de atividades lúdicas, as crianças do Maternal destacaram a moradia e os trabalhos artesanais confeccionados pelas tribos indígenas



enquanto a professora Patrícia Bento utilizou os sinais de trânsito para estudar as formas geométricas. Os alunos com aptidões para a área biomédica optaram pelo trabalho com

Carla Camargo, de Ciências e Biologia. Eles se aprofundaram no estudo de carboidratos, aprenderam a fazer a medição de glicose, verificar pressão arterial e aplicar flúor.

A mostra contou ainda com a exibição da banda do colégio, encenações de peças, apresentações coreográficas, artes marciais e do coral. Para a diretora mantenedora da instituição, professora Dilma Nogueira, a mostra é uma grande festa pedagógica, um momento em que toda a comunidade escolar se reúne para apresentar as suas produções. "Estamos completando 15 anos de existência e o 12º ano consecutivo da Feira indica que estamos no caminho certo", avalia.

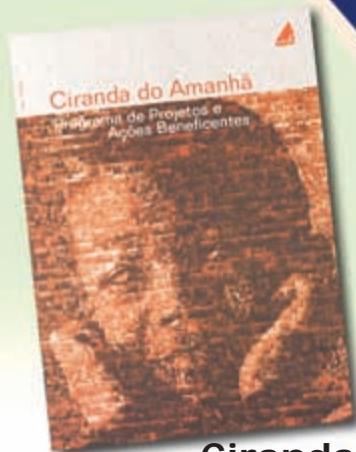
A supervisora e psicopedagoga Flávia Cruz ressalta a autoestima dos alunos como um dos fatores positivos da mostra: "Trabalhamos com a realidade de uma comunidade carente. Por isso, é fundamental fazê-los acreditar que são capazes de mudar sua situação, estimulando suas aptidões e o prazer de estar fazendo. Sabemos que o projeto é de longo prazo, porque conscientização é um processo constante, mas é uma etapa para mudar um pouco da nossa vida e, conseqüentemente, do mundo", conclui.

Outra turma da Educação Infantil abordou a poluição do rio Amazonas. Foram montadas maquetes simulando um rio poluído e o que deve ser feito para preservá-lo

Colégio São Lucas  
Rua Bominal, 196 – Santa Cruz  
Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 23555-145  
Tels.: (21) 3158-0644 / 3305-8559  
Fotos: Tony Carvalho

# Vem aí!

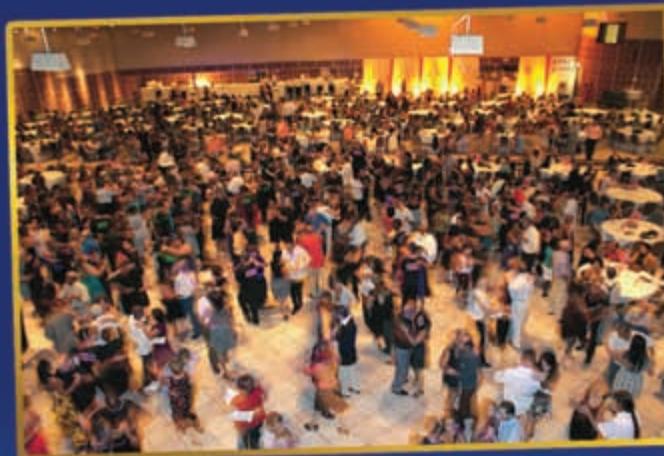
## 15º Grande Baile Beneficente dos Associados da Appai



### Ciranda do Amanhã

Programa de Projetos e Ações Beneficentes

Cidadania, consciência ecológica, inclusão e integração social são algumas ações beneficentes realizadas pelo Programa Ciranda do Amanhã e divulgadas na Revista. Em suas páginas uma síntese de todas as realizações sociais e voluntárias promovidas com o respaldo da Appai, mostrando, dessa maneira, que a visão de Parceria Social é um processo contínuo na busca de uma melhor qualidade de vida e bem-estar.



Em breve, informações no portal: [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)



Programa  
**Saúde 10**  
Appai

"Inove seu estilo de vida"

Previna-se de riscos e doenças. O programa Saúde 10 conta com uma equipe especializada e interdisciplinar, encarregada de prestar ao Associado e a seus dependentes e agregados orientação nutricional, avaliação e, também, tratamento periodontal, orientação psicológica, além de acompanhamento e controle dos resultados alcançados. Participe! Mais informações (21) 3983-3200.



## Benefícios:

- Jornal Appai Educar
- Benefício de Educação Continuada (Ciclo de Cursos e Palestras)
- Assistência Funeral
- Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves
- Serviço Social
- Jurídico
- Dança de Salão
- Seguro de Vida em Grupo e de Acidente Pessoal Coletivo
- Médico Ambulatorial Básico
- Odontológico Básico
- Vantagens Opcionais:
  - Seguro de Automóvel
  - Pousadas
  - Plano Hospitalar DIX

Para obter mais informações sobre a amplitude e a melhor forma de utilizar os benefícios, consulte a relação própria de cada benefício ou entre em contato com o nosso setor de Apoio ao Associado: (21) 3983-3200, ou acesse nosso portal, através do endereço eletrônico: [www.appai.org.br](http://www.appai.org.br), ou ainda através do Guia do Associado Appai, distribuído em nossa sede.

